

**XVIII - MUITOS OS
CHAMADOS,
POUCOS OS
ESCOLHIDOS**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVIII - MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

Parábola do festim de bodas

1. Falando ainda por parábolas, disse-lhes Jesus: O reino dos céus se assemelha a um rei que, querendo festejar as bodas de seu filho, - despachou seus servos a chamar para as bodas os que tinham sido convidados; estes, porém, recusaram ir. - O rei despachou outros servos com ordem de dizer da sua parte aos convidados: Preparei o meu jantar; mandei matar os meus bois e todos os meus cevados; tudo está pronto; vinde às bodas. - Eles, porém, sem se incomodarem com isso, lá se foram, um para a sua casa de campo, outro para o seu negócio. - Os outros pegaram dos servos e os mataram, depois de lhes haverem feito muitos ultrajes. - Sabendo disso, o rei se tomou de cólera e, mandando contra eles seus exércitos, exterminou os assassinos e lhes queimou a cidade.

Então, disse a seus servos: O festim das bodas está inteiramente preparado; mas, os que para ele foram chamados não eram dignos dele. Ide, pois, às encruzilhadas e chamaí para as bodas todos quantos encontrardes. - Os servos então saíram pelas ruas e trouxeram todos os que iam encontrando, bons e maus; a sala das bodas se encheu de pessoas que se puseram à mesa.

Entrou, em seguida, o rei para ver os que estavam à mesa, e, dando com um homem que não vestia a túnica nupcial, - disse-lhe: Meu amigo, como entraste aqui sem a túnica nupcial? O homem guardou silêncio. - Então, disse o rei à sua gente: Atai-lhe as mãos e os pés e lançai-o nas trevas exteriores: aí é que haverá prantos e ranger de dentes; - porquanto, muitos há chamados, mas poucos escolhidos. (S. MATEUS, cap. XXII, vv. 1 a 14.)

2. O incrédulo sorri a esta parábola, que lhe parece de pueril ingenuidade, por não compreender que se possa opor tanta dificuldade para assistir a um festim e, ainda menos, que convidados levem a resistência a ponto de massacram os enviados do dono da casa. “As parábolas”, diz ele, o incrédulo, “são, sem dúvida, imagens; mas, ainda assim, mister se torna que não ultrapassem os limites do verossímil”.

Outro tanto pode ser dito de todas as alegorias, das mais engenhosas fábulas, se não lhes forem tirados os respectivos envoltórios, para ser achado o sentido oculto. Jesus compunha as suas com os hábitos mais vulgares da vida e as adaptava aos costumes e ao caráter do povo a quem falava. A maioria delas tinha por objeto fazer penetrar nas massas populares a idéia da vida espiritual, parecendo muitas ininteligíveis, quanto ao sentido, apenas por não se colocarem neste ponto de vista os que as interpretam.

Na de que tratamos, Jesus compara o reino dos Céus, onde tudo e alegria e ventura, a um festim. Falando dos primeiros convidados, alude aos hebreus, que foram os primeiros chamados por Deus ao conhecimento da sua Lei. Os enviados do rei são

os profetas que os vinham exortar a seguir a trilha da verdadeira felicidade; suas palavras, porém, quase não eram escutadas; suas advertências eram desprezadas; muitos foram mesmo massacrados, como os servos da parábola. Os convidados que se escusam, pretextando terem de ir cuidar de seus campos e de seus negócios, simbolizam as pessoas mundanas que, absorvidas pelas coisas terrenas, se conservam indiferentes às coisas celestes.

Era crença comum aos judeus de então que a nação deles tinha de alcançar supremacia sobre todas as outras. Deus, com efeito, não prometera a Abraão que a sua posteridade cobriria toda a Terra? Mas, como sempre, atendo-se à forma, sem atentarem ao fundo, eles acreditavam tratar-se de uma dominação efetiva e material.

Antes da vinda do Cristo, com exceção dos hebreus, todos os povos eram idólatras e politeístas. Se alguns homens superiores ao vulgo conceberam a idéia da unidade de Deus, essa idéia permaneceu no estado de sistema pessoal, em parte nenhuma foi aceita como verdade fundamental, a não ser por alguns iniciados que ocultavam seus conhecimentos sob um véu de mistério, impenetrável para as massas populares. Os hebreus foram os primeiros a praticar publicamente o monoteísmo; é a eles que Deus transmite a sua lei, primeiramente por via de Moisés, depois por intermédio de Jesus. Foi daquele pequenino foco que partiu a luz destinada a espargir-se pelo mundo inteiro, a triunfar do paganismo e a dar a Abraão uma posteridade espiritual “tão numerosa quanto as estrelas do firmamento. Entretanto, abandonando de todo a idolatria, os judeus desprezaram a lei moral, para se aferrarem ao mais fácil: a prática do culto exterior. O mal chegara ao cúmulo; a nação, além de escravizada, era esfacelada pelas facções e dividida pelas seitas; a incredulidade atingira mesmo o santuário. Foi então que apareceu Jesus, enviado para os chamar à observância da Lei e para lhes rasgar os horizontes novos da vida futura. Dos primeiros a ser convidados para o grande banquete da fé universal, eles repeliram a palavra do Messias celeste e o imolaram. Perderam assim o fruto que teriam colhido da iniciativa que lhes coubera.

Fora, contudo, injusto acusar-se o povo inteiro de tal estado de coisas. A responsabilidade tocava principalmente aos fariseus e saduceus, que sacrificaram a nação por efeito do orgulho e do fanatismo de uns e pela incredulidade dos outros. São, pois, eles, sobretudo, que Jesus identifica nos convidados que recusam comparecer ao festim das bodas. Depois, acrescenta: “Vendo isso, o Senhor mandou convidar a todos os que fossem encontrados nas encruzilhadas, bons e maus.” Queria dizer desse modo que a palavra ia ser pregada a todos os outros povos, pagãos e idólatras, e estes, acolhendo-a, seriam admitidos ao festim, em lugar dos primeiros convidados.

Mas não basta a ninguém ser convidado; não basta dizer-se cristão, nem sentar-se à mesa para tomar parte no banquete celestial. É preciso, antes de tudo e sob condição expressa, estar revestido da túnica nupcial, isto é, ter puro o coração e cumprir a lei segundo o espírito. Ora, a lei toda se contém nestas palavras: *Fora da caridade não há salvação*. Entre todos, porém, que ouvem a palavra divina, quão poucos são os que a guardam e a aplicam proveitosamente! Quão poucos se tornam dignos de

entrar no reino dos céus! Eis por que disse Jesus: *Chamados haverá muitos; poucos, no entanto, serão os escolhidos.*

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XXII, vv. 1-14. — LUCAS, Cap. XIV, vv. 16-24

Parábola das bodas e dos convidados que se escusam

MATEUS: V. 1. Falando de novo por parábolas, disse-lhes Jesus : — 2. O reino dos céus se assemelha a um rei que celebrou as bodas de seu filho. — 3. Mandou que seus servos fossem chamar os convidados para a festa; estes, porém, não quiseram ir. — 4. Mandou outros servos recomendando-lhes que dissessem de sua parte aos convidados: O meu banquete está preparado; estão mortos os meus bois e os meus cevados; tudo está pronto; vinde às bodas. — 5. Mas, eles nenhum caso fizeram do convite e lá se foram, este para sua casa de campo, aquele para seu negócio; — 6, enquanto outros agarraram os servos, os ultrajaram e mataram. — 7. O rei, ao saber do ocorrido, se encolerizou e, enviando seus exércitos, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade. — 8. E disse aos seus servos: De fato, o banquete das bodas está preparado, mas aqueles a quem convidei não foram dignos da festa. — 9. Ide, pois, às encruzilhadas e chamai para as bodas todos os que encontrardes. — 10. Saíram os servos pelos caminhos e ruas e reuniram todos os que encontraram, bons e maus, de sorte que a sala da festa se encheu de convivas. — 11. Entrou em seguida o rei para ver os que estavam à mesa e, dando com um que não trajava a veste nupcial, — 12, lhe perguntou: Amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial? O interpelado guardou silêncio. — 13. Disse então o rei a seus servos : Atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá pranto e ranger de dentes. — 14. Porque, muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.

LUCAS : V. 16. Disse-lhes então Jesus : Um homem preparou uma grande ceia e convidou a muitas pessoas. — 17. A hora da ceia, mandou que um servo fosse dizer aos convidados que viessem, pois que tudo estava pronto. — 18. Todos, como de comum acordo, começaram a escusar-se. Disse o primeiro: Comprei uma quinta e preciso ir vê-la; peço-te que me dêes por escusado. — 19. Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las, disse outro. Rogo-te que me dêes por escusado. — 20. Casei-me, disse um terceiro, e por isso não posso ir. — 21. Voltando o servo, tudo relatou a seu Senhor. Encolerizado, disse então o pai de família ao servo: Vai já às praças e ruas da cidade e traze para aqui os pobres e estropiados, os coxos e os cegos. — 22. Disse-lhe depois o servo: Senhor, está feito o que ordenaste e ainda há lugar para outros mais. — 23. Retrucou-lhe o Senhor: Vai por essas estradas e veredas e aos que encontrares obriga a entrar, a fim de que se encha minha casa. — 24. Porque, eu vos declaro, nenhum daqueles homens que foram convidados provará da minha ceia.

N. 255. Idênticos são o sentido e o fundamento das parábolas das bodas do filho do rei e da ceia do pai de família, se bem tenham sido ditas em ocasiões e lugares diferentes. Reunimo-las aqui para evitar repetições e também porque se completam. O sentido de ambas é análogo ao da parábola da vinha e dos vinhateiros.

O Senhor é o rei que casa o filho e convida os vizinhos, é o pai de família que convida muitas pessoas para uma grande ceia. Ele chama a si os que, instruídos no conhecimento do seu nome, têm que se reunir, sem demora, ao seu derredor, a fim de partilharem das alegrias da vida eterna.

Os que não atendem ao chamado são os que, ouvindo a voz dos seus enviados, não lhes respondem e os repelem. A justiça divina se exerce então contra esses ingratos que, por sua vez, são repelidos, até que hajam compreendido e expiado suas faltas.

O servo do pai de família é mandado pelas ruas e praças da cidade - em busca dos pobres, dos estropiados, dos coxos e dos cegos para os levar a tomar parte na grande ceia. E, tendo levado os que encontrou, como ainda houvesse muitos lugares vazios, saiu de novo a percorrer os caminhos e as veredas com a missão de obrigar todos os que encontrasse a entrar na sala do festim, a fim de que a casa do pai de família se enchesse.

Todos, sejam quais forem, hão de participar do festim celeste que proporciona ao Espírito abundante alimento, proporcionando-lhe adiantar-se moral e intelectualmente; tornar-se rico de coração e de inteligência, pela humildade, pelo saber, pela caridade e pelo amor; recobrar a liberdade de suas faculdades e a de caminhar pela senda do progresso; recobrar a visão espiritual da alma e ver cada vez mais a luz; avançar com passo firme e em linha reta para a perfeição.

Mas, para ser-se admitido na sala do festim, preciso se faz, como o diz a parábola das bodas do filho do rei, estar revestido do traje nupcial.

Os servos do rei percorrem, a mandado seu, as encruzilhadas, para chamar os bons e os maus. Sejam bons ou maus os que eles forem encontrando, todos são convidados a participar do banquete das núpcias. Cumpre, porém, que, para entrarem na sala da festa, previamente dispam suas vestes manchadas. É essa uma condição absoluta. Quem quer que não a preencha será rechaçado para as trevas exteriores, isto é, para os planetas inferiores, para longe das venturosas moradas onde o Espírito, revestido do traje nupcial pela regeneração, continua a se depurar até ao momento em que, havendo atingido a perfeição, terá vestido a túnica imaculada, único traje com que poderá penetrar no palácio eterno: nos espaços, nas regiões puras, nas esferas celestes, divinas, onde só os puros Espíritos habitam e às quais só eles têm acesso. Aquele o único traje com que poderá o Espírito aproximar-se do foco da onipotência.

Dizendo que, depois de haverem seus servos arrebanhado todos os que tinham encontrado, bons e maus, depois de estar cheia a sala, o rei só achou um conviva que não trazia a veste nupcial, quis Jesus mostrar, sob o manto da parábola, que, nos tempos da regeneração, quando todos indistintamente forem chamados, quase todos compreenderão a felicidade que se lhes oferece. Quis mostrar que apenas uma

insignificante minoria se manterá obstinada em resistir aos esforços dos servos de Deus para lhes vestir o traje de núpcias, antes que entrem na sala do festim.

“Disse então o rei a seus servos: Atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores; aí há prantos e ranger de dentes.”

Isso sucederá tanto aos que, tendo acudido ao chamado, não se puserem nas condições de se apresentarem dignamente ao Senhor, como aos que recusarem comparecer às bodas. Mais culpado mesmo do que estes é o que ouve a voz dos mensageiros e responde: “Eis-me aqui” e não se torna digno de apresentar-se diante daquele que o chama.

Estas palavras da parábola das bodas do filho do rei: “Porque, muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos”, não se referem unicamente ao que foi expulso por não estar dignamente vestido. Referem-se também a todos os que anteriormente haviam cerrado os ouvidos e o coração à voz que os chamava.

Não esqueçais, ó vós todos que procurais explicar o sentido das palavras de Jesus, que, aplicando-se aos tempos então vindouros, elas apresentavam um cunho de atualidade e de positividade, de molde a ferir os espíritos materiais a quem ele falava. O Mestre, veladamente, apontava os benefícios da reencarnação. Se dissera, naquela época: “Os que, apanhados nas encruzilhadas, vestiram com alegria os trajes nupciais eram os mesmos que anteriormente haviam recusado entrar na sala do festim das bodas, os mesmos que feriram, maltrataram e mataram os enviados do Senhor”; se dissera: “Os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos trazidos das ruas e praças da cidade para a sala do banquete; os que, encontrados nas estradas e veredas, se viram obrigados a entrar para que a casa do pai de família se enchesse, foram os mesmos que, anteriormente convidados para a ceia do pai de família pelos seus servos, que lhes diziam estar tudo pronto, recusaram comparecer”, ter-lhe-iam retrucado: “Para que nos havemos de apressar? A sala do festim das bodas nos está sempre aberta, não deixaremos de, afinal, saborear a ceia, pois que dia chegará em que nos virão buscar para dela participarmos.”

Aqueles espíritos materiais eram incapazes de compreender que, não obstante ter sido lícito dizer-se com relação à humanidade terrena: “Muitos são chamados, mas poucos escolhidos”, todos os chamados, com o correr do tempo, que bem se pode considerar uma eternidade, têm que ser escolhidos. Eram incapazes de compreender as condições, os meios, os caminhos pelos quais, chamado, como todos os outros, o Espírito pode chegar e chegará a ser escolhido. Não lograriam perceber que isso se dá sob a ação das leis imutáveis do sofrimento, da expiação, do progresso, que se opera pelo renascimento, conduzindo o Espírito culpado, através da escala ascendente das vidas sucessivas e progressivas, das terras primitivas aos mundos de provações e expiações, destes aos mundos regeneradores, onde ele enverga o traje de núpcias para entrar nos mundos felizes. Daí, revestido da túnica imácula, isto é, tendo atingido

a perfeição moral, eleva-se aos mundos celestes ou divinos e se torna um dos eleitos de Deus, tomando lugar entre os puros Espíritos.

Ainda não soara a hora da revelação espírita. Muitos séculos era preciso que se escoassem, para chegarem os dias de hoje, os tempos preditos da regeneração, que o Espírito da Verdade agora prepara.

A parábola das bodas do filho do rei e a da grande ceia do pai de família se aplicavam aos Judeus e, correlativamente, aos Gentios, conforme o compreendiam os primeiros. Os Judeus, como vizinhos do Senhor, eram os convidados. Os Gentios eram os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos que, bons e maus, foram arrebanhados nas praças e nas ruas da cidade, nas estradas e nas veredas. Aplicam-se também à vossa época, em que os que já deveram ter acudido à voz dos servos, que há tantos séculos os chamam, permanecem surdos e indiferentes; e se aplicam ainda aos que o Espírito da Verdade vem apanhar em todos os lugares, para os reunir num só corpo, num só pensamento, para os revestir, em suma, do uniforme da pureza, que será em todos idêntico.

Este agora é o momento em que, na sala inteira, “só um” será achado indigno de aí permanecer. Quer isto dizer que, relativamente ao número dos que responderão felizes ao convite que lhes é feito, muito poucos deixarão de esforçar-se por se tornarem dignos de participar do festim.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVIII - MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

A porta estreita

3. *Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta da perdição e espaçoso o caminho que a ela conduz, e muitos são os que por ela entram. - Quão pequena é a porta da vida! quão apertado o caminho que a ela conduz! e quão poucos a encontram! (S. MATEUS, cap. VII, vv. 13 e 14.)*

4. *Tendo-lhe alguém feito esta pergunta: Senhor, serão poucos os que se salvam? Respondeu-lhes ele: - Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois vos asseguro que muitos procurarão transpô-la e não o poderão. - E quando o pai de família houver entrado e fechado a porta, e vós, de fora, começardes a bater, dizendo: Senhor, abrenos; ele vos responderá: não sei donde sois: - Pôr-vos-eis a dizer: Comemos e bebemos na tua presença e nos instruíste nas nossas praças públicas. - Ele vos responderá: Não sei donde sois; afastai-vos de mim, todos vós que praticais a iniquidade. Então, haverá prantos e ranger de dentes, quando virdes que Abraão, Isaac, Jacob e todos os profetas estão no reino de Deus e que vós outros sois dele expelidos. - Virão muitos do Oriente e do Ocidente, do Setentrião e do Meio-Dia, que participarão do festim no reino de Deus. - Então, os que forem últimos serão os primeiros e os que forem primeiros serão os últimos. - (S. LUCAS, cap. XIII, vv. 23 a 30.)*

5. Larga é a porta da perdição, porque são numerosas as paixões más e porque o maior número envereda pelo caminho do mal. E estreita a da salvação, porque a grandes esforços sobre si mesmo é obrigado o homem que a queira transpor, para vencer suas más tendências, coisa a que poucos se resignam. E o complemento da máxima: “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.”

Tal o estado da Humanidade terrena, porque, sendo a Terra mundo de expiação, nela predomina o mal. Quando se achar transformada, a estrada do bem será a mais freqüentada. Aquelas palavras devem, pois, entender-se em sentido relativo e não em sentido absoluto. Se houvesse de ser esse o estado normal da Humanidade, teria Deus condenado à perdição a imensa maioria das suas criaturas, suposição inadmissível, desde que se reconheça que Deus é todo justiça e bondade.

Mas, de que delitos esta Humanidade se houvera feito culpada para merecer tão triste sorte, no presente e no futuro, se toda ela se achasse degredada na Terra e se a alma não tivesse tido outras existências? Por que tantos entraves postos diante de seus passos? Por que essa porta tão estreita que só a muito poucos é dado transpor, se a sorte da alma é determinada para sempre, logo após a morte? Assim é que, com a unicidade da existência, o homem está sempre em contradição consigo mesmo e com a justiça de Deus. Com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se alarga; faz-se luz sobre os pontos mais obscuros da fé; o presente e o

futuro tornam-se solidários com o passado, e só então se pode compreender toda a profundidade. toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO II

MATEUS. Cap. VII, v. 13-14

Porta estreita que conduz à vida

V. 13. Entrai pela porta estreita, pois que larga é a porta e espaçoso o caminho que levam à perdição; e grande é o número dos que por ela entram. - 14. Quão estreita é a porta, quão apertado o caminho que conduzem à vida; quão poucos o encontram!

N. 100. A porta estreita e o caminho difícil indicam os esforços que o Espírito encarnado tem de empregar e as penas que tem de suportar para chegar à vida eterna, isto é, para se despojar de seus vícios, para marchar pela estrada do bem, fazendo nascer no seu íntimo os sentimentos opostos aos vícios de que se for libertando.

Os que encontram a porta estreita e o caminho apertado são os que praticam o trabalho, o amor, a caridade e, conseqüentemente, a humildade, a tolerância, o desinteresse, o devotamento a todos; são os que, desse modo, bem cumprem as suas provações, resistindo aos maus instintos, às tendências más que precisam ser combatidas e que tornam indispensáveis as sucessivas reencarnações para a purificação e o progresso do Espírito.

A porta larga e o caminho espaçoso, que conduzem à perdição e pela qual entram em tão grande número os homens, são o orgulho, o egoísmo, a ambição, com todos os seus derivados, a avareza, a cupidez, a inveja, a luxúria, a intemperança, a cólera, a preguiça, o materialismo, a incredulidade, a intolerância, o fanatismo, a predominância da matéria sobre o Espírito, ou mesmo a sujeição do Espírito à matéria e, de modo geral, a maldade, pela palavra ou pelos atos, sob todas as formas e em todas as gradações.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO II

LUCAS, Cap. XIII, v. 23-30

Esforçai-vos por entrar pela porta estreita

V. 23. E alguém lhe perguntou: Senhor, tão poucos são os que se salvam? Ao que ele respondeu: - 24. Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; porquanto eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão.

N. 101. Muitos dentre vós tentam percorrer a estrada que leva à casa do pai, mas, aborrecidos com os obstáculos a vencer, com os esforços a empregar, com os sacrifícios a suportar, param e não vão adiante. São os que não podem passar pela porta estreita. Aquele, porém, que segue a estrada que a sua consciência lhe traçou, não lhe suplantando os conselhos por meio de sofismas e subterfúgios, esse passará facilmente pela porta, por mais estreita que pareça. Quando se aproximar dela, vê-la-á larga e aberta para lhe dar passagem.

Dizemos com Jesus: "Muitos procurarão entrar e não poderão". São os que tentam e não perseveram.

Sobretudo a vós, espíritas, se aplicam estas palavras. Muitos, vendo entreaberta a porta, se encaminharam para ela, mas com passo incerto e levando atrás de si o cortejo de fraudes, de vícios, de impurezas que os acompanha. Não avançam. Julgam caminhar, porém a estrada de contínuo se renova diante deles e a porta se torna a fechar gradualmente.

Antes, pois, de enveredardes por esse caminho árido e pedregoso, despojai-vos de tudo quanto vos possa estorvar a marcha. Não chegareis nunca, se não fordes conduzidos por uma consciência pura.

Só esta pode ter a certeza de ver abrir-se a porta estreita e de por ela passar.

V. 25. E quando o pai de família houver entrado e fechado a porta, se, do lado de fora, começardes a bater dizendo: Senhor, abre-nos; o Senhor, respondendo, dirá: Não sei donde sois.

N. 102. Também a longanimidade do Senhor tem termo. Quando o Espírito, chamado a progredir na terra, se obstina em permanecer estacionário nas suas faltas, sem seguir a marcha ascensional impressa a tudo na natureza, não chega ao mesmo tempo que seus irmãos e não pode por conseguinte entrar com eles nas esferas dos felizes. E, se a obstinação, o endurecimento resistem a todos os esforços feitos, o Senhor repele o Espírito teimoso para planetas inferiores, onde recomeça as suas peregrinações, até compreender a necessidade do progresso.

V. 26. *Se então disserdes: Bebemos e comemos na tua presença e ensinaste nas nossas praças públicas, - 27, ele vos responderá: Não sei donde sois; afastai-vos de mim vós todos que praticais a iniquidade.*

N. 103. Alusão aos que, sob a capa do culto que professam continuam a viver de modo condenado pela lei divina. Não basta intitular-se sectário de uma religião qualquer, cumpre que se lhe pratique a moral. Não basta dizer, "Senhor! Senhor!"; é preciso fazer a vontade do pai que está nos céus.

V. 28. *Haverá prantos e ranger de dentes, quando virdes que Abraão, Isac, Jacob estão no reino de Deus e que vós sois repelidos de lá.*

N. 104. Estas palavras de Jesus, apropriadas, pela forma da linguagem, aos homens a quem ele falava, não são alegóricas, sob o ponto de vista dos sofrimentos e torturas morais, simbolicamente figurados pelas expressões - pranto e ranger de dentes. Experimentá-los-ão os Espíritos que, por permanecerem culpados, rebeldes, no momento da depuração do vosso planeta e da sua humanidade, serão enviados para planetas inferiores. Tais Espíritos não vão para o degredo sem conhecerem a causa da sua condenação. Porventura punis os culpados sem julgamento?

Sim, eles saberão que o endurecimento de suas almas é a causa única de suas dores. Verão a grandeza da queda e medirão a extensão da perda que sofreram. Mas, a palavra do Mestre lhes dará a esperança e a visão dos bem-aventurados lhes despertará o desejo de chegarem a ser desse número.

Haverá entre eles prantos e ranger de dentes, mas também haverá uma meta a atingir. O Senhor jamais condena sem deixar uma porta aberta à esperança.

Dirigindo-se aos Hebreus, Jesus falava a Espíritos encarnados, dentre os quais alguns permanecerão culpados na época da depuração.

Pertencer ao número dos selvagens da Oceânia, carecer de ciência, de inteligência, não é o que constitui motivo para ser relegado. A esses o Senhor concede tempo. O motivo consiste em ser orgulhoso, materialista, em causar a perda das massas populares, arrastando-as para falsos caminhos, em pregar conscientemente uma corruptora moral.

Sim, dos que cercavam a Jesus alguns há que são da vossa era, que revivem entre vós, que ainda progredirão em ciência, em inteligência, mas que, desgraçadamente para eles, não progredirão em simplicidade de coração. Acreditam possuir tudo e, chegando o dia, verão a nudez de suas almas.

V. 29. *Do Oriente e do Ocidente, do Setentrião e do Meio-dia virão os que se hão de sentar à mesa no reino de Deus.*

N. 105. Alusão à comunhão de pensamentos e de crenças que se estabelecerá

entre os homens, na época da regeneração.

Alusão também aos Espíritos que virão de diversos planetas para a terra na época em que Jesus, espírito da verdade, aparecerá entre vós. As palavras do Mestre alcançam sempre o presente e o futuro.

V. 30. E eis que serão os últimos os que eram os primeiros e os primeiros serão os que eram os últimos.

N. 106. Muitos dos que se colocaram na frente, entre os primeiros, serão dos últimos a chegar ao fim, por não terem marchado com perseverança.

Os que confiam em si mesmos e crêem marchar com mais segurança e passar adiante de seus irmãos, se verão obstados pelo seu próprio orgulho e terão igualmente retardada a marcha.

Para o Senhor nada vale a duração da existência do Espírito. O arrependimento e as virtudes são tudo. Assim, o Espírito que tardiamente entrou na senda do bem, mas que caminha com perseverança, com atividade, pode, não só atingir, como ainda ultrapassar o Espírito preguiçoso, senão culpado, que nenhum esforço faz, mesmo que tenha começado mais cedo a sua rota ascensional.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO
CAPÍTULO XVIII - MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus

6. *Nem todos os que me dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus; apenas entrará aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. - Muitos, nesse dia, me dirão: Senhor! Senhor! não profetizamos em teu nome? Não expulsamos em teu nome o demônio? Não fizemos muitos milagres em teu nome? - Eu então lhes direi em altas vozes: Afastai-vos de mim, vós que fazeis obras de iniquidade. (S. MATEUS, cap. VII, vv. 21 a 23.)*

7. *Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente que construiu sobre a rocha a sua casa. - Quando caiu a chuva, os rios transbordaram, sopraram os ventos sobre a casa; ela não ruiu, por estar edificada na rocha. - Mas, aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, se assemelha a um homem insensato que construiu sua casa na areia. Quando a chuva caiu, os rios transbordaram, os ventos sopraram e a vieram açoitarem, ela foi derrubada; grande foi a sua ruína. (S. MATEUS, cap. VII, vv. 24 a 27. - S. LUCAS, cap. VI, vv. 46 a 49.)*

8. *Aquele que violar um destes menores mandamentos e que ensinar os homens a violá-los, será considerado como último no reino dos céus; mas, será grande no reino dos céus aquele que os cumprir e ensinar. - (S. MATEUS, cap. V, v.19.)*

9. Todos os que reconhecem a missão de Jesus dizem: Senhor! Senhor! - Mas, de que serve lhe chamarem Mestre ou Senhor, se não lhe seguem os preceitos? Serão cristãos os que o honram com exteriores atos de devoção e, ao mesmo tempo, sacrificam ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as suas paixões? Serão seus discípulos os que passam os dias em oração e não se mostram nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com seus semelhantes? Não, porquanto, do mesmo modo que os fariseus, eles têm a prece nos lábios e não no coração. Pela forma poderão impor-se aos homens; não, porém, a Deus. Em vão dirão eles a Jesus: “Senhor! não profetizamos, isto é, não ensinamos em teu nome; não expulsamos em teu nome os demônios; não comemos e bebemos contigo?” Ele lhes responderá: “Não sei quem sois; afastai-vos de mim, vós que cometeis iniquidades, vós que desmentis com os atos o que dizeis com os lábios, que caluniais o vosso próximo, que expoliais as viúvas e cometeis adultério. Afastai-vos de mim, vós cujo coração destila ódio e fel, que derramais o sangue dos vossos irmãos em meu nome, que fazeis corram lágrimas, em vez de secá-las. Para vós, haverá prantos e ranger de dentes, porquanto o reino de Deus é para os que são brandos, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a justiça do Senhor pela multiplicidade das vossas palavras e das vossas genuflexões.

O caminho único que vos está aberto, para achardes graça perante ele, é o da prática sincera da lei de amor e de caridade.”

São eternas as palavras de Jesus, porque são a verdade. Constituem não só a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranqüilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre. Eis por que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a rocha. Os homens as conservarão, porque se sentirão felizes nelas. As que, porém, forem uma violação daquelas palavras, serão como a casa edificada na areia. o vento das renovações e o rio do progresso as arrastarão.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO II

MATEUS, Cap. VII, v. 21-29. -LUCAS, Cap. VI, v. 46-49

Deus julga pelas obras

MATEUS: V. 21. Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus; aquele, porém, que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse entrará no reino dos céus. - 22. Muitos me dirão nesse dia: Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome, não expulsamos em teu nome os demônios e não fizemos em teu nome muitos prodígios? - 23. Eu então lhes direi: Nunca vos conheci; Afastai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. - 24. Aquele que escuta as minhas palavras e as pratica é comparável ao homem ajuizado que construiu sua casa sobre a rocha. - 25. Veio a chuva, transbordaram os rios, os ventos sopraram e se arremessaram contra essa casa e ela não caiu por estar edificada sobre a rocha. - 26. Aquele, porém, que ouve as minhas palavras e não as pratica se assemelha ao insensato que construiu sua casa na areia. - 27. Veio a chuva, os rios transbordaram, sopraram os ventos, precipitaram-se sobre essa casa e ela desabou e grande foi a sua ruína. - 28. Ora, terminando Jesus esses discursos, a multidão se admirava da sua doutrina, - 29. porque ele a instruíu como tendo autoridade e não como os escribas e os fariseus.

LUCAS: V. 46. Mas porque me chamais: Senhor! Senhor! e não fazeis o que vos digo? - 47. Vou mostrar-vos a quem se assemelha aquele que vem a mim - que escuta as minhas palavras e as pratica. - 48. Assemelha-se a um homem que edifica uma casa e que, cavando fundo, lhe constrói na rocha os alicerces. Um rio, transbordadas suas águas, se arremessou contra a casa e não conseguiu abalá-la, por estar edificada sobre a rocha. - 49. Aquele, que escuta as minhas palavras e não as pratica, se assemelha a um homem que edificou sua casa sobre a terra, sem lhe cavar alicerces. O rio se arremessou sobre ela, a casa caiu logo e grande foi a sua ruína.

N. 108. Nem todos os que dizem: Senhor, Senhor! entrarão no reino de Deus. As palavras morrem no espaço sem chegar ao Senhor, quando não têm por apoio os atos. Portanto, praticai sempre o que ensinai, o que admirai, o que louvais. Não bastará que admireis a lei de Jesus, que digais: ela é perfeita, se nada fizerdes por cumpri-la e por vos aperfeiçoardes. Não vos bastará dizer: somos cristãos, se obrardes contra a vontade do Cristo. Não vos bastará declarar: somos espíritas, se continuardes a ser o que éreis antes. Não bastará declareis: somos médiuns e usamos das nossas diversas faculdades mediúnicas, se não praticardes os ensinamentos recebidos, se não puserdes, cordial e intencionalmente, essas faculdades ao serviço da causa de Deus, do melho-

ramento moral dos vossos irmãos, dando-lhes o exemplo dos esforços constantes e porfiados que empregais por vos melhorardes pessoalmente, se não vos utilizardes com humildade e desinteresse dessas mesmas faculdades para o fim exclusivo de fazer propaganda séria, útil, eficaz, da lei de Jesus e da sublime doutrina dos Espíritos do Senhor, que, despojando da letra o Espírito, vêm explicar essa lei, fazê-la compreensível, amada, praticada, preparando o cumprimento das promessas do Mestre.

Hoje, e sobretudo a vós, espíritas, a prática é necessária.

Quem quer que haja enveredado por esse caminho fique certo de que não mais pode deter-se, de que não mais deve desviar-se, porquanto, muito lhe tendo sido dado, muito lhe será pedido. Não terá desculpa. Não o protege mais o véu espesso da ignorância, pois que a luz o rasgou. Tampouco lhe servirá de escusa a sua fria indiferença. Dele se aproximou a caridade para aquecê-lo. Se o coração se lhe conserva enregelado é porque o quer.

Ao espírita muito será reclamado. Que ele, portanto, se prepare para prestar contas exatas do que lhe foi confiado.

No momento em que estas palavras acabavam de ser escritas, o médium, colocado espontaneamente sob nova influência medianímica, escreveu, com uma grafia diferente e magistral, o seguinte:

Não basta se diga que certa moral é sublime; cumpre seja posta em prática. Não basta ser-se cristão e mesmo cristão-espírita, se se não pratica a moral por mim ensinada. Assim, pois, que os que querem entrar no reino de meu pai sejam seus filhos pelo coração e não pelos lábios, obedeçam com submissão, zelo e confiança às instruções que receberam e recebam hoje dos Espíritos enviados, de acordo com as minhas promessas, para ensinarem progressivamente aos homens todas as coisas, para conduzi-los à verdade e lembrar-lhes o que eu lhes disse.

"Que digam: Senhor, Senhor! mas que o digam do fundo de seus corações; que seus atos correspondam às suas palavras e o reino dos céus lhes pertencerá.

Por aquele cuja mão protetora sustenta os humildes e os fracos e humilha os orgulhosos e poderosos.

ISABEL."

Depois, também de modo espontâneo, o médium escreveu mediunicamente e em caracteres idênticos aos com que fora traçado o ensinamento que acabava de ser recebido, esta última comunicação:

"Bendizei ao Senhor a graça que vos fez e pedi-lhe, de coração, o apoio daquele que se vos manifestou hoje por intermédio do seu enviado. Perseverai no caminho que trilhais, tende confiança e fé, mas fé séria, e o Senhor estenderá suas mãos por sobre vós, para afastar os obstáculos que vos pudessem deter.

JOÃO, MATEUS E LUCAS."

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

MATEUS, Cap. V, v. 17-19. - LUCAS, Cap. XVI, v. 17

Jesus não veio destruir a lei, mas cumpri-la

MATEUS: V. 17. Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas: não os vim destruir, mas cumprir. - 18. Porque em verdade vos digo que, enquanto o céu e a terra não passarem, nem um só iota, nem um só ápice da lei passarão, sem que esteja cumprido. - 19. Assim, aquele que violar qualquer destes menores mandamentos e ensinar os homens a violá-los será chamado o menor no reino dos céus; ao passo que aquele que os guardar e ensinar será chamado grande no reino dos céus.

LUCAS: V. 17. Será mais fácil que o céu e a terra passem, do que cair um sinal qualquer da lei.

N. 77. Jesus fala da lei e não dos aditamentos que lhe foram feitos, das tradições que lhe tomaram o lugar, das máximas e mandamentos humanos, dos dogmas que os homens decretaram e que, como frutos de suas interpretações, alteraram ou falsearam o sentido e a aplicação dela.

Dizendo que não viera abolir a lei, mas cumpri-la, o Cristo mostrava aos homens não ser a moral que lhes ele pregava diversa da que antes lhes haviam ensinado os enviados do Senhor, Espíritos em missão ou profetas. Mostrava que, simplesmente, tudo tem que seguir a marcha do progresso da Natureza.

A lei que até então fora dada aos homens lhes era proporcionada ao desenvolvimento. Trazia em si uma promessa a ser cumprida no futuro. Jesus veio cumpri-la e, cumprindo as profecias, profetizou por sua vez para os séculos vindouros. Hoje, manda o "consolador prometido", o anunciado "Espírito da Verdade" dar cumprimento às profecias por ele enunciadas.

Os Espíritos do Senhor vêm trazer aos homens a nova revelação, a que podeis chamar, como já vos dissemos, "revelação da revelação", e, por meio dela, clarear e desenvolver as inteligências, purificar os corações no crisol da ciência, da caridade e do amor.

Eles vos dizem, como disse Jesus outrora:

"Não penseis que tenhamos vindo destruir a lei e os profetas". Não; nada do que está na lei passará, porquanto a lei é o amor, que há de continuamente crescer, até que vos tenha levado ao trono eterno do Pai. Vimos lembrar, explicar, tornar compreensível em espírito e verdade - a doutrina moral, simples e sublime, do Mestre, os ensinamentos velados que ele transmitiu aos homens, as profecias veladas que fez durante a sua missão terrena. Não vimos destruir a lei e sim cumpri-la, escoimando a do Cristo das

adições que lhe introduziram, das tradições que lhe tomaram o lugar, dos dogmas que, oriundos das interpretações humanas, lhe alteraram ou falsearam o sentido e a aplicação. Vimos reintegrá-la na verdade, estabelecer na Terra a unidade das crenças, convidar-vos e conduzir-vos a todos, abstraindo dos cultos exteriores que ainda vos dividem e separam, à fraternidade, pela prática da justiça, da caridade e do amor recíprocos e solidários.

O Espiritismo é a confirmação do Cristianismo, não com o feitio que lhe deram os homens, mas tal como Jesus o instituiu pela sua palavra evangélica, compreendida e praticada em espírito e verdade.

Ora, que é o Cristianismo de Jesus senão a religião universal, que há de encerrar todos os homens num círculo único de amor e de caridade?

Não, nem um só iota da lei deixará de ser cumprido, pois que a lei dos Hebreus foi o preâmbulo, a preliminar da do Cristo, e o Espiritismo, repetimos, é a confirmação, o meio de cumprimento integral desta última.

Aquele que violar um qualquer, mesmo dos menores, mandamentos da lei, que toda se resume no amor a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo; que implica a observância do Decálogo, a prática do amor para com todos, em toda parte e sempre, esse será o último no reino dos céus. Quer dizer que esse, depois de sofrer a expiação na erraticidade, reencarnará conforme ao grau de culpabilidade, na Terra ou em outros planetas inferiores, a fim de reparar as faltas e progredir.

Aquele, porém, que fizer e ensinar o que a lei manda será chamado "grande no reino dos céus", isto é, se elevará, na medida do seu adiantamento moral, do progresso que houver realizado, aos planetas superiores, engrandecendo-se sempre pela humildade, pela ciência, pela caridade e pelo amor.

Aquele que recebeu o encargo de ensinar e não pratica o que ensina é culpado, não só do mal que fez, como também do mal que causou pela contradição entre seus atos e suas palavras.

Espíritas, não façais como os chefes das antigas sinagogas, como os escribas e fariseus de outrora, como os de hoje. Sereis muito culpados, pois que recebestes a luz para clarear os vossos e os passos dos vossos irmãos.

Deveis antes de tudo pregar pelo exemplo. Esta a única pregação que produz bons frutos. Lembrai-vos das palavras do Cristo: "Eles vos colocam sobre os ombros pesado fardo, no qual não consentiriam em tocar sequer com a ponta do dedo". Se quiserdes marchar segundo as leis do Senhor e chegar a ele, acompanhados gloriosamente por todos quantos houverdes resgatado, começai por tomar sobre os ombros o fardo que impondes aos outros; mostrai-lhes o meio de o tornarem leve e podereis então obrigá-los a que o carreguem. Tudo se reduz a isto: pregar sempre pelo exemplo, como Jesus pregava. Pregai, pois, assim; que as vossas palavras nunca deixem de ser a consequência das vossas ações.

Os espíritas, antes de mais nada, devem praticar santamente e sinceramente a lei do amor que lhes cumpre ensinar. Para que as massas se deixem conduzir, faz-se

mister compreendam o bem que podem auferir de um acontecimento qualquer. Demonstrai-lhes, conseguintemente, pelo vosso proceder, a submissão e o amor ao vosso Deus, o amor e a caridade, que praticamente consagrais aos vossos irmãos. Não vos citeis nunca como modelo - sede-o.

Usai de benevolência com os que repelem as vossas crenças, esperai que seus olhos se abram para a luz e a possam suportar.

Porventura, ao tirar a venda espessa que ocultava a claridade do dia ao cego, o oculista lhe consente contemplar imediatamente aquela claridade? Não; o doente ficaria ofuscado. Viva de mais para seus órgãos enfraquecidos, ela o faria mergulhar de novo numa profunda noite, da qual talvez não mais saísse.

Graduai, portanto, o brilho da verdade, para os olhos dos cegos morais, experimentai-os com prudência, lançai-lhes nos corações pouco a pouco a semente e esta germinará. Se os frutos que devam colher dela não amadurecerem sob as vossas vistas, um momento, entretanto, virá em que tais frutos lhes serão proveitosos. À hora da morte material, os vossos ensinamentos se lhes patentearão aos olhos e esplêndida luz os banhará. Tê-los-eis desse modo ajudado a transpor um passo difícilíssimo para a matéria. Não choqueis os incrédulos, não vos incomodeis com as zombarias, sede dignos e calmos na vossa fé, perseverantes nas boas obras. Lançai a semente, que ela encontrará a terra fértil e aí se arraigará. Cultivai-a então, cultivai-a com amor, para que um grão produza trinta, outro sessenta e outro cem. Assim será, porque cada um dos que tiverdes conquistado para a fé a espalhará por sua vez em torno de si e, quais essas espigas maduras carregadas de grãos, cujas sementes o vento, sacudindo-as, dispersa em longa extensão, a verdade se espalhará e produzirá saborosos frutos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVIII - MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

Muito se pedirá àquele que muito recebeu

10. O servo que souber da vontade do seu amo e que, entretanto, não estiver pronto e não fizer o que dele queira o amo, será rudemente castigado. - Mas, aquele que não tenha sabido da sua vontade e fizer coisas dignas de castigo menos punido será. Muito se pedirá àquele a quem muito se houver dado e maiores contas serão tomadas àquele a quem mais coisas se haja confiado. (S. LUCAS, cap. XII, vv. 47 e 48.)

11. Vim a este mundo para exercer um juízo, a fim de que os que não vêem vejam e os que vêem se tornem cegos. - Alguns fariseus que estavam, com ele, ouvindo essas palavras, lhe perguntaram: Também nós, então, somos cegos? - Respondeu-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecados; mas, agora, dizeis que vedes e é por isso que em vós permanece o vosso pecado. (S. JOÃO, cap. IX, vv. 39 a 41.)

12. Principalmente ao ensino dos Espíritos é que estas máximas se aplicam. Quem quer que conheça os preceitos do Cristo e não os pratique, é certamente culpado; contudo, além de o Evangelho, que os contém, achar-se espalhado somente no seio das seitas cristãs, mesmo dentro destas quantos há que não o lêem, e, entre os que o lêem, quantos os que o não compreendem! Resulta daí que as próprias palavras de Jesus são perdidas para a maioria dos homens.

O ensino dos Espíritos, reproduzindo essas máximas sob diferentes formas, desenvolvendo-as e comentando-as, para pô-las ao alcance de todos, tem isto de particular: não é circunscrito: todos, letrados ou iletrados, crentes ou incrédulos, cristãos ou não, o podem receber, pois que os Espíritos se comunicam por toda parte. Nenhum dos que o recebam, diretamente ou por intermédio de outrem, pode preterir ignorância; não se pode desculpar nem com a falta de instrução, nem com a obscuridade do sentido alegórico. Aquele, portanto, que não aproveita essas máximas para melhorar-se, que as admira como coisas interessantes e curiosas, sem que lhe toquem o coração, que não se torna nem menos vão, nem menos orgulhoso, nem menos egoísta, nem menos apegado aos bens materiais, nem melhor para seu próximo, mais culpado é, porque mais meios tem de conhecer a verdade.

Os médiuns que obtêm boas comunicações ainda mais censuráveis são, se persistem no mal, porque muitas vezes escrevem sua própria condenação e porque, se não os cegasse o orgulho, reconheceriam que a eles é que se dirigem os Espíritos. Mas, em vez de tomarem para si as lições que escrevem, ou que lêem escritas por outros, têm por única preocupação aplicá-las aos demais, confirmando assim estas palavras de Jesus: “Vedes um argueiro no olho do vosso próximo e não vedes a trave

que está no vosso.” (Cap. X, nº 9.)

Por esta sentença: “Se fôsseis cegos, não teríeis pecados”, quis Jesus significar que a culpabilidade está na razão das luzes que a criatura possua. Ora, os fariseus, que tinham a pretensão de ser, e eram, com efeito, os mais esclarecidos da sua nação, mais culposos se mostravam aos olhos de Deus, do que o povo ignorante. O mesmo se dá hoje.

Aos espíritas, pois, muito será pedido, porque muito hão recebido; mas, também, aos que houverem aproveitado, muito será dado.

O primeiro cuidado de todo espírita sincero deve ser o de procurar saber se, nos conselhos que os Espíritos dão, alguma coisa não há que lhe diga respeito.

O Espiritismo vem multiplicar o número dos *chamados*. Pela fé que faculta, multiplicará também o número dos *escolhidos*.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

LUCAS, Cap. XII, vv. 47-48

A culpabilidade e a responsabilidade do Espírito são proporcionais aos meios postos a seu alcance para se instruir e à luz que recebeu

V. 47. Esse servo, que conheceu a vontade do seu Senhor e que, entretanto, não se preparou, nem fez o que seu Senhor queria, será duramente açoitado. - 48. Aquele, porém, que, sem conhecer a vontade do seu Senhor, fez coisas merecedoras de castigo, receberá menos açoites. Muito será pedido àquele a quem muito foi dado e aquele a quem muito tenha sido confiado maior conta terá que prestar.

N. 278. Facilmente se compreende que aquele que comete uma falta, depois de ter sido avisado para estar vigilante, mais culpado é do que outro que do mal que pratica apenas tem consciência, sem formar desse mal uma idéia precisa.

Tal a razão por que, quanto mais a luz brilha aos vossos olhos, quanto mais ensinamentos e conselhos recebeis, tanto mais culpados sois, se vos afastais do caminho que vos é traçado. Muito será pedido àquele a quem muito foi dado. A esse cumpre que faça frutificar o que se lhe confiou. A boa semente nele lançada tem que produzir, em toda a extensão do seu desenvolvimento moral e intelectual, na proporção de cem, sessenta, quarenta por um.

Jesus, na sua linguagem sempre apropriada às inteligências dos homens materiais que o ouviam, lhes apresenta sempre a imagem de um castigo material.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO IV

JOÃO, CAPÍTULO IX Vv. 35-41

O cego que fora curado, sendo encontrado por Jesus, crê nele. - Palavras que Jesus lhe dirige. - Palavras dos fariseus a Jesus. - Resposta de Jesus

V. 35. Jesus ouviu dizer que o haviam expulsado e, encontrando-o, lhe perguntou: Crês no filho de Deus? - 36. Ele respondeu: Quem é ele, Senhor, para que eu nele creia? - 37. Disse-lhe Jesus. Até já o viste; é ele mesmo quem te fala. - 38. Disse ele então: Creio, Senhor. E, prostrando-se, o adorou. - 39. Acrescentou Jesus: Vim a este mundo para exercer um juízo, a fim de que os que não vêem vejam e os que vêem se façam cegos. - 40. Ouvindo isto, alguns dos fariseus que com ele estavam lhe perguntaram: Porventura também nós somos cegos? - 41. Jesus lhes respondeu: Se fosseis cegos, não teríeis culpa. Mas, vós mesmos agora dizeis: Nós vemos. Sendo assim, em vós permanece o vosso pecado.

N. 32. Nenhuma explicação se faz necessária para a inteligência destes versículos, segundo o espírito, salvo com relação às palavras que Jesus dirigiu ao que se curara da cegueira, quando se prosternou diante dele, e com relação à resposta que deu aos fariseus.

Jesus viera exercer um juízo, no sentido de ter vindo esclarecer os homens acerca do caminho que devem seguir e pregar-lhes a moral pura que é o código que lhes cabe consultar, para se absolverem ou condenarem, no foro íntimo de suas consciências, mediante exame sério e completo de seus pensamentos, palavras e atos.

"A fim de que, disse Jesus, os que não vêem vejam e os que vêem se façam cegos."

Estas palavras guardam um sentido todo espiritual. Referem-se à cegueira moral, não à cegueira física, material e, segundo o pensamento do Mestre, se aplicam a todos os tempos, pois que cumpre ao homem esforçar-se por adquirir a vista espiritual, procurando compreender e pôr em prática a moral pura que ele trouxe ao mundo, seus ensinamentos e exemplos.

Elas tinham, antes de tudo, uma aplicação especial aos que eram testemunhas da sua missão terrena e também têm uma especial aplicação aos que, na época atual, são testemunhas da nova revelação, da revelação do "Espírito da Verdade", por ele predita e prometida, da revelação da revelação, que agora vos é dada.

Quanto àqueles que assistiam à sua missão terrena, o ato que Jesus praticara, restituindo a vista corporal ao cego de nascença, simbolizava o ato que viera realizar desempenhando a sua missão e praticando todas as obras que praticou, destinadas a

causar impressão em homens materiais, a fim de lhes restituir a vista espiritual, de os curar da cegueira moral, por meio da doutrina que pregava, de seus ensinamentos e exemplos.

Dizendo: "a fim de que os que não vêem vejam", aludia a todos os que se achavam privados da vista material, aos quais ele a restituía, e que, recobrando-a, lhe reconheciam a missão, percebiam a luz espiritual que lhes vinha clarear a inteligência e o coração. Aludia igualmente aos que, conquanto gozassem da vista corporal, estavam atacados de cegueira moral, mas que, presenciando os fatos por ele operados, admitindo-os, lhe reconheciam a missão e divisavam a luz espiritual que os vinha curar da cegueira de que padeciam.

Dizendo: "a fim de que os que vêem se façam cegos", aludia aos que, vendo os fatos que ele produzia, não os queriam admitir, nem lhe reconheciam a missão. Esses se afastavam da luz e mergulhavam nas trevas por nada saberem distinguir na luz.

Aos fariseus que lhe perguntaram: "Porventura também nós somos cegos?" responde: Se fosseis cegos não teríeis culpa. Segundo o espírito, Jesus, por essa forma, exprime um duplo pensamento, aludindo à situação do cego de nascença que ele curara e que, Espírito devotado, terminava suas provas com o ver o fim da expiação que escolhera, para servir à execução da obra do Mestre, e com o lhe reconhecer a missão.

"Se fosseis cegos" também, isto é, se vos achásseis na situação deste homem, "não feríeis culpa".

Mas, agora dizeis: Nós vemos, Sendo assim, "em vós permanece o vosso pecado". Estas palavras são a consequência e a aplicação das que acabara de pronunciar: "Os que vêem se façam cegos."

Mas, agora, dizeis que vedes: Dizeis que tendes a vista corporal. Dispondo dessa vista, observais as obras que eu faço, porém não as admitis, nem reconheceis a minha missão. Daí vem que em vós permanecem as vossas faltas, os vossos vícios, as vossas más paixões, que são frutos da vossa cegueira moral e vos fazem culpados.

Os fariseus, no seu foro íntimo, reconheciam a missão de Jesus; entretanto, não queriam admiti-la, porque ligavam mais importância aos bens da terra do que aos, para eles, hipotéticos bens do céu. Não tendes que vos admirar do seu proceder e de seus atos com relação a Jesus. A história dos Judeus não vos relata de que modo eram tratados os profetas, quando afrontavam os poderosos?

Quanto à aplicação das palavras que estamos apreciando à nova revelação e aos homens que a testemunham, ocorre perguntar-vos: Não achais que as condições atuais sejam idênticas às da época em que Jesus desempenhou a sua missão? Os Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, não encontram o mesmo acolhimento que teve Jesus? A predição, por este feita, do advento da revelação atual não é recebida como o foi a do advento do Messias, do Cristo? Não há também os que, testemunhas das manifestações espíritas, físicas e inteligentes, reconhecem a missão dos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, e o advento da era nova

predita e prometida pelo Mestre, os que percebem, assim, a luz espírita, que vem clarear as inteligências e os corações?

Não há os que, testemunhas de tais manifestações, não reconhecem, entretanto, aquela missão e o advento da era nova, se afastam da luz e mergulham nas trevas, por nada também saberem distinguir na luz?

Não tendes entre vós os novos fariseus, que falam e procedem com referência à nova revelação e aos que a aceitam e propagam pela palavra e pelo exemplo, como falavam e procediam os fariseus de outrora, com referência a Jesus e aos que lhe reconheciam a missão? Não os vedes procurando voluntariamente mergulhar nas trevas, para salvaguardarem seus mesquinhos interesses materiais?

A eles se aplica a resposta de Jesus aos daquela época.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVIII - MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Dar-se-á àquele que tem

13. *Aproximando-se dele, seus discípulos lhe disseram: Por que lhes falas por parábolas? Respondendo, disse-lhes ele: É porque, a vós outros, vos foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus, ao passo que a eles isso não foi dado. - Porque, àquele que já tem, mais se lhe dará e ele ficará na abundância; àquele, entretanto, que não tem, mesmo o que tem se lhe tirará. - Por isso é que lhes falo por parábolas: porque, vendo, nada vêem e, ouvindo, nada entendem, nem compreendem. - Neles se cumpre a profecia de Isaías, quando diz: Ouvireis com os vossos ouvidos e nada entendereis, olhareis com os vossos olhos e nada vereis. (S. MATEUS, cap. XIII, vv. 10 a 14.)*

14. *Tende muito cuidado com o que ouvís, porquanto usarão para convosco da mesma medida de que vos houverdes servido para medir os outros, e ainda se vos acrescentará; - pois, ao que já tem, dar-se-á, e, ao que não tem, até o que tem se lhe tirará. (S. MARCOS, cap. IV, vv. 24 e 25.)*

15. “Dá-se ao que já tem e tira-se ao que não tem.” Meditai esses grandes ensinamentos que se vos dão por vezes afigurado paradoxais. Aquele que recebeu é o que possui o sentido da palavra divina; recebeu unicamente porque tentou tornar-se digno dela e porque o Senhor, em seu amor misericordioso, anima os esforços que tendem para o bem. Aturados, perseverantes, esses esforços atraem as graças do Senhor; são um ímã que chama a si o que é progressivamente melhor, as graças copiosas que vos fazem fortes para galgar a montanha santa, em cujo cume está o repouso após o labor.

“Tira-se ao que não tem, ou tem pouco.” Tomai isso como uma antítese figurada. Deus não retira das suas criaturas o bem que se haja dignado de fazer-lhes. Homens cegos e surdos! abri as vossas inteligências e os vossos corações; vede pelo vosso espírito; ouvi pela vossa alma e não interpreteis de modo tão grosseiramente injusto as palavras daquele que fez resplandecer aos vossos olhos a justiça do Senhor. Não é Deus quem retira daquele que pouco recebera: é o próprio Espírito que, por prodígio e descuidado, não sabe conservar o que tem e aumentar, fecundando-o, o óbolo que lhe caiu no coração.

Aquele que não cultiva o campo que o trabalho de seu pai lhe granjeou, e que lhe coube em herança, o vê cobrir-se de ervas parasitas. E seu pai quem lhe tira as colheitas que ele não quis preparar? Se, à falta de cuidado, deixou fenecerem as sementes destinadas a produzir nesse campo, é a seu pai que lhe cabe acusar por nada produzirem elas? Não e não. Em vez de acusar aquele que tudo lhe preparara, de criticar as

doações que recebera, queixese do verdadeiro autor de suas misérias e, arrependido e operoso, meta, corajoso, mãos à obra; arroteie o solo ingrato com o esforço de sua vontade; lavre-o fundo com auxílio do arrependimento e da esperança; lance nele, confiante, a semente que haja separado, por boa, dentre as más; regue-o com o seu amor e a sua caridade, e Deus, o Deus de amor e de caridade, dará àquele que já recebera. Verá ele, então, coroados de êxito os seus esforços e um grão produzir cem e outro mil. Animo, trabalhadores! Tomai dos vossos arados e das vossas charruas; lavrai os vossos corações; arrancai deles a cizânia; semeai a boa semente que o Senhor vos confia e o orvalho do amor lhe fará produzir frutos de caridade. - *Um Espírito amigo.* (Bordéus, 1862.)

Pelas suas obras é que se reconhece o cristão

16. “Nem todos os que me dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus, mas somente aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Escutai essa palavra do Mestre, todos vós que repelis a Doutrina Espírita como obra do demônio. Abri os ouvidos, que é chegado o momento de ouvir.

Será bastante trazer a libré do Senhor, para ser-se fiel servidor seu? Bastará dizer: “Sou cristão”, para que alguém seja um seguidor do Cristo? Procurai os verdadeiros cristãos e os reconheceréis pelas suas obras. “Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má pode dar frutos bons.” - “Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo.” São do Mestre essas palavras. Discípulos do Cristo, compreendei-as bem! Que frutos deve dar a árvore do Cristianismo, árvore possante, cujos ramos frondosos cobrem com sua sombra uma parte do mundo, mas que ainda não abrigam todos os que se hão de grupar em torno dela? Os da árvore da vida são frutos de vida, de esperança e de fé. O Cristianismo, qual o fizeram há muitos séculos, continua a pregar essas virtudes divinas; esforça-se por espalhar seus frutos, mas quão poucos os colhem! A árvore é boa sempre, porém maus são os jardineiros. Entenderam de moldá-la pelas suas idéias; de talhá-la de acordo com as suas necessidades; cortaram-na, diminuíram-na, mutilaram-na; tomados estéreis, seus ramos não dão maus frutos, porque nenhuns mais produzem. O viajor sedento, que se detém sob seus galhos à procura do fruto da esperança, capaz de lhe restabelecer a força e a coragem, somente vê uma ramaria árida, prenunciando tempestade. Em vão pede ele o fruto de vida à árvore da vida; caem-lhe secas as folhas; tanto as remexeu a mão do homem, que as crestou.

Abri, pois, os ouvidos e os corações, meus bem-amados! Cultivai essa árvore da vida, cujos frutos dão a vida eterna. Aquele que a plantou vos concita a tratá-la com amor, que ainda a vereis dar com abundância seus frutos divinos. Conservai-a tal como o Cristo vo-la entregou: não a mutileis; ela quer estender a sua sombra imensa sobre o Universo: não lhe corteis os galhos. Seus frutos benfazejos caem abundantes para alimentar o viajor faminto que deseja chegar ao termo da jornada; não amontoeis esses frutos, para os armazenar e deixar apodrecer, a fim de que a ninguém sirvam.

“Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.” É que há açambarcadores do pão da vida, como os há do pão material. Não sejais do número deles; a árvore que dá bons frutos tem que os dar para todos. Ide, pois, procurar os que estão famintos; levai-os para debaixo da fronde da árvore e partilhai com eles do abrigo que ela oferece. - “Não se colhem uvas nos espinheiros.” Meus irmãos, afastai-vos dos que vos chamam para vos apresentar as sarças do caminho, segui os que vos conduzem à sombra da árvore da vida.

O divino Salvador, o justo por excelência, disse, e suas palavras não passarão: “Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus; entrarão somente os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Que o Senhor de bênçãos vos abençoe; que o Deus de luz vos ilumine; que a árvore da vida vos ofereça abundantemente seus frutos! Crede e orai. - *Simeão*. (Bordéus, 1863.)

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

MATEUS, Cap. VII, v. 1-6. MARCOS, Cap. IV, v. 24.

LUCAS, Cap. VI, v. 37-38, 41-42

Não julgar os outros. - O argueiro e a trave. - Não dar aos cães as coisas santas

MATEUS: V. 1. Não julgueis, a fim de não serdes julgados; - 2, porquanto sereis julgados conforme houverdes julgado os outros; com a medida com que medirdes sereis medidos, - 3, Como é que vês um argueiro no olho do teu irmão e não percebes a trave no teu? - 4, Ou como é que dizes a teu irmão: - 5, Deixa-me tirar um argueiro do teu olho, quando tens no teu uma trave? - 6. Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás como podes tirar o argueiro do olho do teu irmão. - 6. Não deis aos cães as coisas santas, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não suceda que as pisem, se voltem contra vós e vos estraçalhem.

MARCOS: V, 24. Dizia-lhes: Atentai no que ides ouvir: Sereis medido com a mesma medida com que medirdes os outros e ainda se vos acrescentará.

LUCAS: V. 37, Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados, perdoai e sereis perdoados; - 38, dai e se vos dará e no vosso regaço será derramada uma boa medida, cheia, atestada, a extravasar; porquanto, para vos medir servirá a mesma medida com que houverdes medido os outros, - 41. Como é que vês o argueiro que está no olho do teu irmão e não percebes a trave que está no teu olho? - 42. Ou, como é que podes disser a teu irmão: Meu irmão, deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho, tu que não vês a trave que está no teu? Hipócrita, tira primeiramente a trave que está no teu olho e então verás como tirar o argueiro que está no olho do teu irmão.

N. 97. O ensino que resulta destas palavras de Jesus facilmente se apreende e não demanda desenvolvidos comentários.

Penetre o homem no seu íntimo, antes de proferir juízo sobre seus irmãos; faça exame de consciência; compenetre-se do seu próprio valor; inquiria de si mesmo o que responderia se houvesse de ir à presença do juiz; e a sua indignidade lhe mostrará a indulgência de que deve usar com seus irmãos. Lembre-se destas palavras e as ponha em prática. "Perdoai-nos como nós perdoamos".

"ATENTAI no que ides ouvir. Sereis medidos com a mesma medida com que medirdes os outros. E ainda se vos acrescentará".

Jesus, dirigindo estas palavras a seus discípulos e a todos os homens, os exortava a se instruírem, a não julgarem levemente. Quem for ignorante e quiser julgar seus irmãos procederá sempre com severidade, por não compreender a causa dos atos destes e não ser capaz de os pesar. Ora, aquele que julgar com severidade, do mesmo modo será julgado.

"E ainda se vos acrescentará" querem dizer: quanto mais esforços fizerdes para vos aproximar do Mestre, tanto mais o Mestre se dignará de descer até vós. Elas não se ligam às que as precedem. Não se ligam significando que aquele que houvesse julgado severamente seus irmãos seria por sua vez julgado com severidade maior do que a de que usara, não. Não foi para exprimir esse pensamento que Jesus as pronunciou. Sereis medidos, isto é, julgados, pela maneira por que houverdes julgado os vossos irmãos, mas também graças vos serão concedidas em relação com os esforços que houverdes feito para merecê-las. Elas só se referem às graças que o homem pode merecer ou não, conforme aos esforços que faça para alcançá-las, ou à negligência que ponha em progredir.

Deveis ser caridosos; deveis perdoar aos vossos irmãos as ofensas que vos tenham feito, como pedis que sejam perdoadas as vossas.

Se, pois, não perdoardes, se não usardes de indulgência para com os vossos irmãos, como podeis esperar que vosso pai que está nos céus use de indulgência para convosco? Tê-la-eis merecido? Não tereis transgredido suas leis? Não vos terá faltado a caridade e o amor que sem cessar vos pregamos e que constituem a base única sobre que podeis edificar?

Perdoai, portanto, se quiserdes ser perdoados; não julgueis os vossos irmãos, porque também haveis de ser julgados por um juiz íntegro que lê no fundo dos corações e vê todas as paixões miseráveis que aí se agitam. Não julgueis o vosso irmão, vós que não vedes mais que a superfície, porquanto, se a superfície nele vos parece turbada, o fundo pode estar puro aos olhos de Deus, ao passo que, em vós, talvez esteja impuro.

Tira primeiramente a trave do teu olho e então verás como tirar o argueiro do olho de teu irmão."

Começai por expurgar as vossas almas de todos os vícios, de todos os maus instintos que as devoram; tomai os vossos corações puros aos olhos de Deus. Depois então, quando fordes perfeitos, podereis censurar. Podereis, mas não o fareis, porque a perfeição das vossas almas vos terá aproximado daquele que, perfeição completa, disse: "Atire a primeira pedra o que dentre vós estiver sem pecado" e que, isento de qualquer pecado, acrescentou: "Vai e não peques mais".

"Não deis aos cães as coisas santas e não lanceis vossas pérolas aos porcos, para que não aconteça que, depois de as pisarem, vos estraçalhem".

Compenetrai-vos bastante, em espírito e verdade, dessas palavras que Jesus dirigiu aos que então eram seus discípulos e aos que seriam no futuro e da aplicação que deveriam ter, no tocante ao ensino e à propagação da palavra evangélica, e que devem ter na época presente da nova revelação.

As circunstâncias em que vos achardes, o meio em que falardes é que vos deverão inspirar a conduta a seguir. Sondai o terreno, preparai-o e, se descobrires um sinal de fertilidade, por menor que seja, lançai a semente com prudência e precaução. Depois, cultivai-a cuidadosamente, auxiliando-lhe o desenvolvimento. Se, ao contrário, o terreno vos parecer árido e ingrato, encerrai-vos no silêncio. Dai a compreender que não quereis falar. A recusa, em tal caso, excita a curiosidade em certas naturezas e pode desenvolver o desejo de saber. Se isto suceder, devotai-vos à obra e consagrai-vos aos que a princípio vos repeliram. Estendei os braços às ovelhas desgarradas, ide em socorro das que estiverem perdidas, reconduzi ao Senhor o pequeno rebanho que conseguirdes reunir. O Mestre recompensa generosamente os obreiros vigilantes. A fortuna de haverdes salvo irmãos vossos da incredulidade, do desânimo, da negação, vos recompensará para entrar nas alegrias da eternidade.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO II

MATEUS, Cap. XIII, v. 1-23. -MARCOS, Cap. IV, v. 1-20 e 25. -LUCAS, Cap. VIII, v. 1-15 e 18; Cap. X, v. 23-24.

Parábola do semeador. -Explicação dessa parábola.

MATEUS: V. 1. Naquele dia, saindo Jesus de casa, foi sentar-se à beira mar. - 2. E grande multidão se lhe reuniu em torno. Entrando então para uma barca, ele aí se sentou, ficando a multidão na praia. - 3. E começou a dizer muitas coisas por parábolas, falando assim: Eis que o semeador saiu a semear. - 4. Enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à margem do caminho, os pássaros do céu vieram e as comeram. - 5. Uma outra parte caiu em terreno pedregoso, onde muito pouca terra havia; as sementes germinaram prontamente, pois que a terra ali não tinha profundidade. - 6. O sol, nascendo, crestou-as; e, como não tinham raízes, secaram. - 7. Uma outra caiu entre espinheiros que cresceram e a abafaram. - 8. Uma outra finalmente caiu em terra boa e as sementes frutificaram, produzindo aqui cem, ali sessenta, acolá trinta por um. - 9. Quem tiver ouvidos de ouvir, ouça. - 10. Os discípulos, aproximando-se, lhe perguntaram: Porque lhes falas por parábolas? - 11. Respondeu ele: É porque a vós vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus; mas a eles não. - 12. Aquele que tem, mais ainda se dará, ficando ele na abundância; mas ao que não tem se tirará até o que tem. - 13. Eis porque lhes falo por parábolas; é que, vendo, eles não vêem, ouvindo, não ouvem, nem compreendem. - 14. Neles se cumpre esta profecia do profeta Isaías: "Escutareis com os ouvidos e não entendereis; olhareis com os olhos e não vereis. - 15. O coração deste povo se embotou, os ouvidos se lhe tornaram surdos e os olhos se lhe fecharam, para que não vejam com os olhos, não ouçam com os ouvidos, não compreendam com os corações e, não se convertendo, não sejam curados por mim." - 16. Felizes os vossos olhos porque vêem, os vossos ouvidos, porque escutam; -17, porquanto, em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvís e não ouviram. - 18. Escutai, pois, a parábola do semeador. - 19. Do coração de todo aquele que escuta a palavra do reino e não a compreende vem o mau Espírito tirar o que nele foi semeado; é a semente que caiu ao longo do caminho. - 20. A que caiu em terreno pedregoso representa aquele que ouve a palavra e a recebe com mostras de alegria no primeiro momento; - 21, mas, não tendo raízes no seu coração, só por pouco tempo subsiste: sobrevindo as tribulações e perseguições por motivo da palavra, ele logo se escandaliza. - 22. A semente lançada entre os espinheiros representa aquele que ouve a palavra, mas em quem os cuidados do século e a ilusão das riquezas a abafam e impedem de produzir frutos. - 23. A que foi semeada em terra boa indica aquele que escuta a palavra e

a compreende, aquele em quem ela frutifica, produzindo cada grão cem, sessenta ou trinta.

MARCOS: V. 1. Pôs-se de novo a ensinar próximo ao mar e como enorme fosse a multidão que ali se reuniu, ele subiu para uma barca e se sentou, ficando todo o povo na praia. - 2. Muitas coisas ensinava por parábolas, dizendo, segundo o seu modo de doutrinar: - 3. "Escutai: O semeador saiu a semear; - 4, e, enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à borda do caminho; vieram as aves do céu e a comeram. - 5. Outra parte caiu em terreno pedregoso, onde pouca terra havia; as sementes germinaram logo, pois que pequena era a profundidade da terra; - 6, veio, porém, o sol, crestou as plantas e estas, por não terem raízes, secaram. - 7. Outra parte caiu entre espinheiros, estes cresceram e a abafaram, de sorte que ela não deu frutos. - 8. Outra, finalmente, caiu em terra boa; os grãos deram fruto; elevaram-se, multiplicaram-se e produziram cem, sessenta, trinta por um." - 9. E acrescentava: Ouça quem tiver ouvidos de ouvir. - 10. Quando com ele ficaram a sós, os doze que o seguiam interrogaram-no acerca dessa parábola, - 11, e ele lhes respondeu: Dado vos é a vós conhecer o mistério do reino de Deus; mas, para aqueles que são de fora, tudo se faz por parábolas; - 12, a fim de que, vendo, vejam e não vejam e, ouvindo, ouçam e não compreendam, para que não se convertam e os pecados lhes sejam perdoados. - 13. Perguntou-lhes em seguida: Não entendeis esta parábola? Como podereis entender todas as parábolas? - 14. O semeador semeia a palavra. - 15. A margem do caminho ao longo do qual a semente caiu são aqueles de cujos corações Satanás vem arrancar a palavra logo depois de ter sido nos seus corações semeada. - 16. Semelhantemente, o terreno pedregoso são os que, ouvindo a palavra, a recebem jubilosos. - 17. Como, porém, nesses ela não cria raízes, dura pouco tempo. Em vindo as tribulações e perseguições por causa da palavra eles logo se escandalizam. - 18. Os outros, designados pela parte das sementes lançadas entre espinheiros, são os que ouvem a palavra, - 19, mas os cuidados do século, a ilusão das riquezas e as outras paixões, entrando em seus corações, a sufocam e ela não frutifica. - 20. O terreno bom onde a última parte das sementes é lançada são os que ouvem a palavra, a recebem e dela tiram frutos, na proporção de cem, de sessenta, de trinta por um. - 25. Mais será dado ao que já tem e ao que não tem se tirará mesmo o que tem.

LUCAS: V. 1. Algum tempo depois, ia Jesus de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, pregando e evangelizando o reino de Deus. Acompanhavam-no os doze, - 2, e algumas mulheres, que tinham sido livradas dos Espíritos malignos e curadas de enfermidades: Maria, apelidada - a Madalena, da qual sete demônios haviam saído; - 3, Joana, mulher de Cusa, intendente de Herodes; Susana e muitas outras que o assistiam com seus bens. - 4. Como o cercasse grande multidão

de gente vinda de todas as cidades, disse ele esta parábola: - 5. O semeador saiu a semear a sua semente e, enquanto o fazia, uma parte delas caiu à margem do caminho, foi pisada e os pássaros do céu a comeram. - 6. Outra parte caiu sobre pedras e, por falta de húmus, secou, logo depois de haver germinado. - 7. Outra caiu entre espinheiros que, crescendo, a sufocaram. - 8. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa, germinou e frutificou, produzindo cem por um. E, dizendo isso, exclamava: Quem tem ouvidos de ouvir ouça. - 9. Os discípulos lhe perguntaram o que queria dizer aquela parábola. - 10. Ele lhes respondeu: Dado vos foi a vós conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos outros só por parábolas se lhes fala, a fim de que vendo não vejam e ouvindo não compreendam. - 11. Eis o que quer dizer esta parábola: A semente é a palavra de Deus. - 12. A que cai junto do caminho indica os que ouvem a palavra, mas de cujos corações Satanás a vem arrancar, pelo temor de que, crendo, eles se salvem. - 13. As que caem sobre pedras indicam os que, tendo-a ouvido, recebem com alegria a palavra: esta, porém, não cria raízes, porquanto eles crêem apenas durante algum tempo, retrocedendo assim chegam as tentações. - 14. A parte que cai entre espinheiros corresponde aos que escutaram a palavra, mas em cujos corações ela é abafada pelas preocupações terrenas, pelas riquezas, pelos prazeres da vida e não produz frutos. - 15. A boa terra onde cai a última parte das sementes são os que, ouvindo a palavra, a guardam nos seus corações bons e excelentes e dela tiram fruto pela paciência. - 18. Vede, pois, de que modo ouvís; porquanto, mais se dará àquele que já tem e ao que não tem se tirará até o que julgue ter.

X. v. 23. Voltando-se para os discípulos, disse-lhes: Felizes os olhos que vêem o que vedes; - 24, porquanto, eu vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvís e não ouviram.

N. 164. A parábola do semeador não precisa de explicações. A que Jesus deu aos apóstolos, na medida do que eles podiam e deviam receber, como encarnados, a fim de desempenharem suas missões, basta para que a compreendais. Entretanto, convém que, por meio de explicações especiais sobre alguns pontos, tornemos conhecidos e, tirando da letra o espírito, desenvolvamos, para vós outros espíritas e para os que hão de vir a sê-lo, o sentido e o alcance integrais do que disse Jesus aos apóstolos. Antes de tudo, porém, cumpre vos façamos compreender de que pontos de vista deveis encarar o que disse Jesus à multidão, servindo-se da parábola, e o que disse aos apóstolos explicando-a, porquanto algumas das palavras daquele Mestre indulgente e bondoso, daquele bom pastor desejoso de não perder nenhuma das suas ovelhas, parecem desmentir os atos de toda a sua vida humana, humana no entender dos homens.

A geração que vivia ao tempo em que Jesus desempenhava a sua missão se compunha de Espíritos orgulhosos e fúteis, voluntariamente surdos e cegos, revoltados contra qualquer autoridade, Espíritos que, mesmo antes de encarnarem, recusa-

vam todo amparo que lhes era oferecido para se tornarem melhores.

Filhos humanos dos Hebreus vindos do Egito, Espíritos que, havia séculos, passavam por provações, sem contudo perderem a tendência à murmuração e à revolta que caracterizavam os Hebreus desde os primórdios da formação de sua nacionalidade, os homens daquela época, ainda quando fossem capazes de receber sem véu a palavra do Mestre, não se lhe submeteriam, com o que incorreriam em maior culpa.

Já por aí podeis admirar a previdente bondade de Jesus, modelo de perseverança e de doçura, poupando ao merecido castigo o filho rebelde e temerário, evitando fazer-lhe uma imposição à qual sabia que ele se furtaria.

Recebendo velada a palavra de Jesus, os que estivessem dispostos a caminhar para a frente podiam, como o fizeram os discípulos, esforçar-se por lhe descobrirem o sentido oculto.

Os que, ao contrário, não quisessem curvar-se ao jugo daquela lei que lhes prescrevia uma reforma por demais pesada para suas naturezas más, seriam culpados apenas de indiferença, de não procurarem devassar os mistérios que de pronto não compreendiam.

Dizendo, pois: "não se lhes falará senão por parábolas e símiles, para que não se convertam", Jesus aludia aos que, cedendo a um primeiro impulso, tentariam avançar, mas que, detidos bruscamente pelos seus maus instintos, fariam sem demora um recuo, que lhes viria a ser causa de grande castigo; porquanto, atentai bem, muito será dado ao que já tem, isto é: aquele que deseja progredir e se esforça por consegui-lo, de todos os lados receberá amparo; ao passo que àquele que pouco tenha, mesmo esse pouco será tirado. Quer isto dizer que este último, indiferente ao que lhe foi dado, negligente em guardar o que recebeu, deixará que as más paixões se apoderem do seu coração, que os vícios e males que o oprimirão durante séculos tomem o lugar das poucas virtudes de cuja posse já desfrutasse.

Devendo tornar-se pública a explicação que da parábola Jesus deu, em segredo, a seus discípulos, ela foi publicada pelas narrações evangélicas; como já o tinha sido pelos apóstolos e discípulos, mas somente depois de finda a missão terrena do Mestre, porque só então a massa popular, preparada por todas as palavras que ele pronunciara e por todos os atos que praticara durante aquela missão, até o momento da sua chamada "ascensão", se mostrou apta a ouvir com proveito, da boca dos apóstolos e dos discípulos, a explicação de tudo o que dissera o Cristo, explicação que era dada na medida do que ela podia suportar e do modo por que o devia suportar. Só depois de concluída a missão messiânica, a massa popular se mostrou apta a ter conhecimento daquelas palavras e atos pela narração evangélica, que na ocasião oportuna se lhe transmitiu. Essa narração tinha que ser, sob o império da letra, e foi, tanto naquela época, quanto no presente, como terá que ser no futuro, sob o reinado do espírito, o livro do progresso, a fonte donde jorram e hão de jorrar sempre a luz e a verdade.

(Mateus, v. 11-15; Marcos, v. 11, 12 e 25; Lucas, v. 10-18). Aqui tendes agora,

despojado da letra o espírito, o pensamento do Mestre, sem mais incertezas no modo de entender os textos desses versículos.

"Dado vos é a vós conhecer os mistérios do reino dos céus - os segredos do reino de Deus; mas, A ELES, não, - esse conhecimento não lhes é proporcionado, senão por parábolas, - tudo se faz por parábolas. (MATEUS, v. 11; MARCOS, v. 11; LUCAS, v. 10)."

Aos apóstolos e aos discípulos era dado conhecerem o mistério do reino dos céus, os segredos do reino de Deus, porque, sendo seus Espíritos mais elevados do que os dos outros homens da época, eles se achavam aptos a espalhar as verdades que Jesus trazia ao mundo. Mas, para o fazerem, tinham que começar por compreendê-las, razão pela qual não lhes foi dado senão o que podiam e deviam comportar, para o desempenho da missão que lhes incumbia.

Com relação à época em que viveis, o mesmo sucede. Vossas inteligências progrediram e nós, trazendo-vos a revelação do mundo invisível, os mistérios do reino dos céus, os segredos do reino de Deus, vo-las faremos compreender, a fim de que possais espalhar por toda a terra esse conhecimento; a fim de que, como os discípulos do Mestre, possais ir de cidade em cidade, de povoado em povoado, pregar o arrependimento e dizer como eles diziam: "Apressai-vos, aproxima-se o momento!"

As expressões - reino dos céus, reino de Deus - compõem uma imagem destinada a materializar, por assim dizer, a felicidade dos bem-aventurados. A homens, que não viam mais do que a matéria, preciso era que se apresentasse uma figura material da outra vida, a respeito da qual nada perceberiam, se lhes fosse mostrada em toda a sua espiritualidade.

Os mistérios do reino dos céus, os segredos do reino de Deus eram os meios, desconhecidos até então, de chegar-se àquela felicidade.

Antes das revelações feitas por Jesus, os homens nenhuma idéia clara formavam da outra vida. Por muito vaga, a intuição que dela tinham os havia deixado na indiferença, relativamente à existência e à felicidade que poderiam esperar no além-túmulo. Jesus veio levantar o véu e esclarecer as inteligências. Mas, apenas uma ponta do véu foi levantada; a luz permaneceu velada. Continuamos hoje a levantar o véu que vos oculta a outra vida. Conquanto ele não tenha sido ainda totalmente erguido, já a luz brilha com mais vivo fulgor, com o fulgor que os vossos olhos, tornados mais fortes, já podem suportar. Ela, porém, ainda não brilha em todo o seu esplendor, porque ainda não estais bastante maduros para uma revelação completa. Bem orgulhoso seria aquele que pretendesse haver sondado a profundidade desses mistérios, impenetráveis para as vossas inteligências humanas. Esperai: quando atingirdes a idade da razão, obtereis, vós espíritas, todas as revelações do mundo invisível. Preparai os vossos corações, alargai o âmbito da vossa ciência, desenvolvei as vossas inteligências e, em chegando o momento, conhecereis todos os mistérios do reino dos céus,

todos os segredos do reino de Deus.

Conhecê-los-eis quando houverdes alcançado uma purificação moral completa e quando, sob a influência e o desenvolvimento progressivo dessa purificação moral, houverdes, também progressivamente, aprendido a conhecer a onipotência de Deus, sua justiça, sua bondade e sua misericórdia infinitas, suas vontades e suas obras na imensidade; quando houverdes adquirido a ciência dos elementos e das propriedades de ação dos fluidos, no que concerne à vida e à harmonia universais, a ciência dos meios que se devem empregar para a obtenção das graças do Senhor, debaixo do ponto de vista do bem, que leva à felicidade, e do mal que, não evitado, leva à punição.

Ao que tem, mais ainda se dará e ele ficará na abundância. (MATEUS, v. 12; MARCOS, v. 25; LUCAS, v. 18).

Sabendo, como sabeis, que o Espírito, ao revestir um invólucro de carne, traz consigo o tesouro que pôde acumular nas suas existências anteriores, facilmente compreenderéis que esse tesouro tanto mais depressa aumentará, quando mais sólidas forem as bases sobre que se constituiu. Aquele que nasce com o desejo ardente de rapidamente progredir se esforçará pelo conseguir e a luz lhe será tanto mais abundante, quanto maior seja o ardor com que deseje vê-la. Já o dissemos e repetimos, atentai bem: muito será dado ao que já tem e ele ficará na abundância, isto é: aquele que deseja progredir e se esforça por consegui-lo, de todos os lados receberá amparo.

Mas ao que não tem se tirará mesmo o que tem (MATEUS, v. 12 e MARCOS, v. 25). E ao que não tem se tirará até o que ele julgue ter. (LUCAS, v. 18).

Estas palavras precisam ser entendidas segundo o espírito e não segundo a letra, pois que, dirigindo-se aos discípulos e à multidão, disse Jesus: Ouça quem tiver ouvidos de ouvir.

O fim com que foram pronunciadas era tornar mais frisante, para as inteligências humanas, o pensamento de quem as proferia. Jesus assim se exprimiu para dar mais força à imagem.

Todo Espírito encarnado possui alguma coisa. Por pouco que haja progredido antes de chegar ao vosso planeta, sempre tem algum progresso feito.

O pensamento velado do Mestre era este: "àquele, que tem pouco, se tirará mesmo o que tenha; ao que nada tem, mas julga ter, se tirará mesmo o que julgue ter".

Ao que tem pouco se tirará mesmo o que tenha, porque, conforme já o dissemos, indiferente ao que obteve, negligente em guardar o que recebeu, deixará que as más paixões se apoderem do seu coração, que os vícios e males, que o oprimirão durante séculos, tomem o lugar das virtudes em cuja posse já estivesse. Efetivamente, da negligência na prática do bem nascem as raízes do mal. Quando, por indiferença, recusais a esmola ao desgraçado, não é porque seja mau o vosso coração que assim

procedeis, sim por uma espécie de lassidão de espírito, que vos impede de atentar no bem que teríeis podido fazer. Faltais à caridade. Aquele que, verificando ser mau o caminho por onde entrou, não trata, por indiferença, de se retirar dele, cai em todos os precipícios que o margeiam. Aquele que não é devotado se torna egoísta. O que não é caridoso se torna insensível. O que não é humilde de coração e de espírito se torna vaidoso e orgulhoso. O que não é submisso à vontade de Deus se torna rebelde e murmura contra seus decretos. O mal nasce sempre da negligência em praticar o bem. O Espírito não retrograda, mas permanece estacionário, o que equivale a uma retrogradação, pois que ele é de essência ativa e progressiva.

Ao que tem pouco se tirará mesmo o que tenha.

Aquele que não entesoura, que, ao começar a sua vida humana, pouco traz das anteriores existências, enlanguesce cada vez mais. Nenhum desejo nutre de progredir e, como nada adquire, perde, por isso que, para o Espírito, o estacionamento se torna, ao cabo de algum tempo, fonte de dores e remorsos.

Tendes por destino progredir sem cessar; ide para diante. Pedi, pedi sempre, mas com humildade de coração e de espírito, desinteressadamente, sem outro móvel que não seja o amor a Deus e ao próximo, sem outro desejo que não o de progredir moral e intelectualmente, de trabalhar só para Deus, auxiliando o progresso moral e intelectual de vossos irmãos. Pedi, pois que, quanto mais pedirdes, tanto mais vos será concedido; quanto mais vos esforçardes, tanto mais se aplanarão as dificuldades. E neste sentido que mais se dá ao que já tem e que, de certo modo, se tira àquele que nada tem. Melhor falando: este é quem tira de si mesmo, porquanto a falta de progresso representa, para o Espírito, perda cem vezes maior do que, para o usurário, a do seu tesouro.

"E àquele que nada tem, mas que julga ter, se tirará MESMO O QUE julgue ter."

Por estas palavras queria Jesus combater o orgulho inato nos homens, os quais, por pouco que valham, se atribuem um valor fictício, muito acima do seu valor real.

Depois da morte, o Espírito, ao fim de certo tempo, vê claramente o que é e o que vale. O orgulho, considerado do ponto de vista dos obstáculos que opôs ao seu progresso e das faltas a que o arrastou, se lhe torna então uma fonte de dores e de remorsos. É também neste sentido que ao que nada tem, mas julga ter, se tira, de certo modo, o que julgue ter. Ou antes: é ele próprio quem tira de si, aos golpes da expiação.

"Eis porque lhes falo por parábolas: é que, vendo, eles não vêem, ouvindo, não ouvem, nem compreendem. Com relação a eles se cumpriu esta profecia do profeta Isaías: "Escutareis com os ouvidos e .não entenderéis: olhareis com os olhos e não vereis. O coração deste povo se embotou, os ouvidos se lhe tornaram surdos e os

olhos se lhe fecharam, para que não veja com os olhos, não ouça com os ouvidos, não compreenda com os corações e, não se convertendo, não seja curado por mim." (MATEUS, v. 13, 14 e 15). Mas, para os que são de fora. tudo se faz por parábolas, a fim de que, vendo, vejam e não vejam, ouvindo, não ouçam nem compreendam; para que não se convertam e os pecados lhes sejam perdoados. (MARCOS, v. 12 e 22). Mas, aos outros, só por parábolas se lhes fala do reino de Deus, a fim de que, tendo olhos, não vejam e, tendo ouvidos, não compreendam. (LUCAS. v. 10).

A interpretação dessas palavras de Jesus foi falseada pela significação dos vossos vocábulos, assim como pelas repetições e traduções.

Vamos dar-vos, sem a menor incerteza quanto à inteligência dos textos, o pensamento do Mestre e o sentido das suas proposições.

Repetindo-o, diremos: Ouça quem tiver ouvidos de ouvir; porquanto, suas palavras, compreendidas em espírito e em verdade, não poderiam desmentir e não desmentem os atos de toda a sua vida, tida por humana pelos homens.

Para Jesus, pastor das almas transviadas, os homens daquela época se assemelhavam a frutos verdes que, expostos aos raios de um sol demasiado ardente, secam, em vez de amadurecer, razão por que o pomareiro trata de os abrigar dos ardores solares, a fim de que tenham tempo de desenvolver-se. Chegados ao ponto de maturação, o calor, a que com arte foram subtraídos, acabará de dourá-los com seus raios benéficos.

Muitos são chamados e poucos os escolhidos, disse Jesus, mas não no sentido que, interpretando-as de um ponto de vista humano, a Igreja romana deu a essas palavras, isto é: não no sentido de que o Mestre atraiu todos os homens para junto de si, com o fim de escolher um pequeno número deles e deixar que os restantes, em grandes massas, fossem levados para essas regiões de dores onde só se ouvem "prantos e ranger de dentes". Ao contrário, os homens, frutos verdes e duros, se aproximavam lentamente do sol benfazejo que os havia de desenvolver e madurar e que, para consagui-lo, atenuava o seu brilho e o seu calor.

Falais porventura a uma criança como falais a um homem? Podeis expor à criança as questões morais e filosóficas que lhe fareis compreender quando chegar aos vinte anos? Não. À criança falais de modo apropriado à sua inteligência que desponta, deixando-lhe, contudo, entrever que mais tarde direis muitas outras coisas, fazendo-lhe ver que a sua pouca idade a torna incapaz de apreender um raciocínio. Será com o propósito de lhe retardar o desenvolvimento que procedeis assim? Será porque, uma vez homem, este seja incapaz de compreender, de se instruir? Não. É que o fruto está verde e por isso o abrigais do calor e da luz, temendo que o excesso destes dois princípios benéficos, atuando muito cedo, o estiole em vez de o fortificar.

Jesus, que era a bondade por excelência, não podia, bem o deveis compreender, privar voluntariamente as criaturas humanas da salvação que ele mesmo lhes trazia. Ao contrário, para não as arrastar a faltas, deixava sempre aos Espíritos indo-

lentes o recurso de não lhes compreenderem as palavras. Assim, as que se lêem acima, constantes nos citados versículos de Mateus, Marcos e Lucas, não devem ser encaradas senão como uma forma de falar às inteligências dos homens de então.

Os apóstolos, surpreendidos ante aquela linguagem velada, que se lhes afigurava confusa, procuraram a explicação do fato. A Jesus, porém, não era dado patentear-lhes o motivo por que assim procedia, uma vez que, tendo também eles de ser instrumentos da obra, só recebiam o que podiam e deviam suportar no momento, para o bom êxito da mesma obra, mediante o desempenho de suas missões, no meio que lhes estava preparado. Assim sendo, o Mestre lhes deu uma razão capaz de satisfazê-los, de os mover à piedade para com os que ele intencionalmente deixara na obscuridade da parábola e de os encher do mais ardente amor e do mais vivo reconhecimento para com aquele que os escolhera, a fim de os iniciar.

É evidente que quem viera para ensinar aos homens a expiação de suas faltas não iria voluntariamente obstar a que os culpados obtivessem o perdão de seus pecados. Mas, onde não houver arrependimento, não pode haver remissão de faltas. Jesus, prevendo as recaídas, evitara incorressem em mais grave falta os que, num ímpeto ardoroso e irrefletido, entrassem pelo novo caminho que se lhes abria. De fato, esses, embora aos olhos dos homens parecessem merecer a remissão de seus pecados, em falta mais grave incorreriam, porque, não tendo consistência nem fundo as suas novas crenças, eles de pronto cairiam num estado pior do que o precedente, tornando-se merecedores de mais severo castigo. Jesus cuidava de lhes poupar mais duras reprimendas. Com a sua bondosa previdência, poupava aos rebeldes as probabilidades de queda e, aos ingratos empedernidos, ensejo de praticarem novas ingratidões.

Como podeis imaginar, os milagres que o Cristo operava nos doentes grande influência tinham nos Espíritos. Muitos, porém, dos que no momento ficavam impressionados, se atinham apenas ao ato material e, assim como em geral pouco reconhecidos vos mostrais ao hábil cirurgião que vos livrou de um mal perigoso, também os doentes curados pelo médico das almas depressa esqueciam os socorros materiais e morais que dele recebiam. Jesus, por isso, evitava os "milagres" e usava de linguagem velada, sempre que falava onde sabia que suas palavras e seus atos não dariam fruto, tal a esterilidade da terra, capaz unicamente de produzir flores efêmeras.

Espiriticamente o mesmo sucede. O Espírito encarnado que contorna a luz, sem procurar aproximar-se dela, será apenas punido pela sua indiferença. Mas, aquele que, atraído pelo clarão bendito, começa a se esclarecer e depois fecha os olhos e recua, terá que expiar a sua inconstância e a traição que praticou consigo mesmo. Não é que o Senhor lhe faça cair sobre a cabeça, especialmente, o peso da sua justiça. Ele expiará pelos remorsos, pela incessante visão do bem que teria feito, do progresso que teria realizado, os quais brilharão sem cessar aos seus olhos, como a presa que foge no momento em que vai ser apanhada.

A ninguém é lícito recuar, já o temos dito. Uma vez que entrastes no caminho, tendes que avançar constantemente, estendendo as mãos para a direita e para a es-

querda, a fim de levardes convosco os que não possam ir sozinhos. Procedei, pois, com prudência e reflexão e dissei sempre aos que queiram seguir-vos: caminharemos continuamente para diante; quem pára - recua e quem recua - cai.

(V. 16 e 17 de Mateus e 23 e 24 de Lucas). Dizendo o que consta destes versículos, Jesus aludia ao Espírito encarnado. Os profetas e os justos de quem ele fala previam a vinda do Messias e felizes teriam sido, se ela se houvera verificado durante o tempo da encarnação deles.

"O caminho a cuja margem a semente caiu são aqueles que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, que a escutam e de cujos corações, mal a têm escutado, o Espírito maligno, satanás, o diabo a vem arrancar, pelo temor de que esses, crendo, se salvem." (MATEUS, V. 18 e 19; MARCOS, v. 15; LUCAS, VIII, v. 12).

"A palavra do reino" - quer dizer: os ensinamentos dados por Jesus para que os homens aprendessem a merecer o reino dos céus. Conquanto não fosse o próprio Deus, ele podia dizer que personificava a palavra dos céus, por ser de Deus o órgão que se fizera carne, no entender dos homens que o julgavam encarnado, como eles, num invólucro corporal humano, mas que, na realidade, se fizera carne, encarnando apenas visualmente num perispírito tangível, num corpo perispíritico incorruptível. Quanto às expressões - Espírito maligno, satanás, diabo, empregadas para exprimir a mesma

coisa, são sinônimas. Como já o temos dito, designam figuradamente, de modo emblemático, os Espíritos maus, Espíritos de erro e de mentira, Espíritos inferiores, impuros, levianos ou perversos.

Falando do Espírito maligno, de satanás, do diabo, que arranca do coração do homem a palavra do reino, "pelo temor de que, crendo, o homem se salve", aludia Jesus aos Espíritos maus que se congregam em torno dos que não lhes resistem e se esforçam por impedi-los de sair da situação precária em que se encontram.

A crença humana na personificação de satanás, do diabo, com seu inferno eterno, se originou da necessidade de materializar os símbolos, a fim de os tornar perceptíveis à matéria; foi um freio, um meio de infundir terror salutar, durante os séculos que a humanidade terrena tem atravessado.

Como impedir que o Espírito humano modifique as verdades ao sabor das suas necessidades? Como impedir que o homem explore o homem? que o inteligente domine o crédulo, que o forte esmague o fraco e que, para consegui-lo, empregue os meios a seu alcance? Qual o freio mais próprio do que o terror, para ser usado naquela época de ignorância e de barbaria, em que começou o reino de "Lúcifer"? O terror era o meio de que se podia lançar mão, tanto contra o forte quanto contra o fraco; era um jugo que se aplicava igualmente a todas as frentes; era um freio que domava todas as naturezas.

Não reproveis que tal se tenha dado. O que, na antiguidade, se passou com os Hebreus e depois convosco tinha que ser assim. Impotentes teriam sido então a lei de amor e de meiga caridade que vos pregamos hoje, a lei natural e imutável da reencarnação, que vos revelamos, sem véu, em seu princípio e nas suas conseqüências, leis que, pela reparação, pela expiação e pelo progresso, vos mostram o caminho que tendes de percorrer, para entrardes, purificados e santos, no reino dos céus, isto é: para chegardes à perfeição; leis que vos mostram o Deus de amor, o Deus paternal e bom conduzindo-vos pela sua onipotência ao seu seio, sob a ação da sua justiça, da sua bondade e da sua misericórdia infinitas.

Ao fogo das paixões humanas foi preciso contrapor um fogo ainda mais ardente, capaz de abalar aqueles homens de ferro que, sem isso, se houveram estrangulado uns aos outros desapidadamente.

O que se deu tinha que se dar. A fonte era boa, mas o homem a turvou e o lodo das paixões humanas continuou a escurecê-la.

Hoje, pela nova revelação, restituímos ao manancial a sua limpidez de outrora e a fonte de vida, em vez de se despenhar sobre pedras que seriam arrastadas pela torrente, vai deslizar tranqüila e clara por sobre dourado saibro que lhe formará o leito.

Nada mais dos vãos temores, úteis todavia naqueles bárbaros tempos! Abaixo a exploração do homem pelo homem! O ignorante deixará de ser presa do instruído, porquanto a ciência tem que se universalizar; o forte não mais esmagará o fraco, porquanto a força do primeiro não servirá senão para amparar o segundo; o poderoso não mais pisará a frente do pequenino, porquanto, ao contrário, se abaixará cheio de solici-

tude para tomar o outro nos braços e ajudá-lo a erguer a cabeça para o céu.

Cada século tem tido suas criações, destinadas todas ao progresso da humanidade. Comparai, julgai, aproveitai, mas não reproveis.

"O que sucede ao grão que cai em terreno pedregoso, onde há pouca terra, é o que se dá com aquele que ouve a palavra e a recebe com mostras de alegria no primeiro momento; não tendo ela, porém, raízes em seus corações, esses só por pouco tempo crêem: sobrevindo a tentação, eles se afastam, retrocedem e, em chegando as tribulações e perseguições, logo se escandalizam." (MATEUS, v. 20 e 21; MARCOS, v. 16 e 17; LUCAS, v. 13).

Os que, sobrevindo a tentação, se afastam, recuam, são os que cedem desde que se lhes apresente ocasião de reincidirem nos seus antigos transviamentos, tornando-se rebeldes e surdos à palavra de Deus, deixando-se levar de novo pela corrente de seus erros e faltas, influenciados pelos maus Espíritos, que seus maus pendores atraem e aos quais não sabem resistir.

Os que de pronto escandalizam, logo que cheguem as tribulações e perseguições por causa da palavra, são os que, baldos de energia, se impressionam ou amedrontam com as tribulações e perseguições e se retiram.

Com relação aos apóstolos e discípulos, Jesus aludia às tribulações e perseguições físicas e morais.

Com relação aos espíritas, as tribulações e perseguições são todas de ordem moral: são o ridículo, que muitos se esforçarão por lançar sobre a doutrina e seus sectários. Dizemos sectários, aludindo à falsa opinião, geralmente espalhada, de que vós, que simplesmente procurais a luz e a verdade, seguindo o caminho traçado por Jesus, formais uma nova seita.

Aquelas tribulações e perseguições são ainda os mil obstáculos que se vos opõem, que se vos oporão por mais algum tempo, pois que, até aqui (1), amigos, caminhastes sobre rosas, apenas alguns espinhos apareceram. Vem próximo o momento das contrariedades sérias para a humanidade. A Igreja e seus adeptos se elevarão como barreiras, para vos deterem os esforços, barreira que será tanto mais temível, quanto parecerá que se some à vossa aproximação, para logo adiante se erguer mais ameaçadora. Vãos, porém, serão seus esforços. Contra ela se voltará o ridículo de que faz arma para vos combater. Sobre ela recairá o anátema que lançará sobre vós. Vê-la-eis, um dia, humilhada ante a inutilidade dos seus esforços, abrir-vos as portas e pedir-vos a luz que hoje tenta abafar em trevas.

É destas pequenas oposições que se amedrontam os que, baldos de energia, não ousam afrontar a opinião pública, quando a sentem contrária, fraqueiam na guerra de família que se vem travando e que cada vez mais ardente se tornará, guerra que nos faz hoje dizer-vos, como Jesus: não vos trazemos a paz e sim a divisão.

Não se tornem, pois, pedra de escândalo os que se encontram às voltas com

essas oposições domésticas e não abandonem a pugna, se não querem perder a parada. Para vós, espíritas, a parada é a paz, é o progresso, é um adeus definitivo às misérias do vosso mundo. Não abandonéis, pois, a luta. Oponde a doçura aos ataques íntimos; a razão, a firmeza e a dignidade aos ataques exteriores. Tende por divisa: paciência e resignação.

Sustentados pela fé, vencereis todos os obstáculos que vos criem. Sob os vossos passos, eles se desmancharão como montículos de areia. Coragem! não escandalizeis, pois não tendes o direito de retirar-vos.

"O grão semeado entre os espinheiros representa aquele que ouve a palavra, mas deixa que os cuidados do século, as preocupações, a ilusão das riquezas, os prazeres da vida e as outras paixões a abafem e impeçam de dar frutos." (MATEUS, v. 18; LUCAS, v. 14).

Aqueles em quem desse modo a palavra é abafada e não dá frutos são os que tudo sacrificam aos instintos e apetites materiais, que dão causa à predominância da matéria sobre o Espírito, ou mesmo à escravização do Espírito à matéria.

"Os que são designados pela terra boa onde é semeada e cai uma parte dos grãos, são os que escutam a palavra de Deus, a compreendem, aceitam, guardam, põem em prática e fazem germinar pela paciência e frutificar na proporção de cem, de sessenta, de trinta por um." (MATEUS, v. 23; MARCOS, v. 20; LUCAS, v. 15).

A boa terra são os que, de conformidade com o seu desenvolvimento intelectual e moral, se esforçam por pôr em prática a palavra de Deus semeada primeiro pelo seu Cristo, depois pelo Espírito da Verdade. São os que a fazem germinar pela paciência, isto é: são os que, tendo maus pendoros a combater, se aplicam com toda a perseverança em os combater e substituir pela boa semente.

A lei de amor é isenta de egoísmo. Jesus pregava às multidões, para que suas palavras fossem ouvidas e encontrassem a terra boa.

Do mesmo modo, vós outros, novos discípulos do Mestre, deveis hoje elevar a voz, sempre que puderdes esperar que ela seja ouvida.

O grão produzido pela semente lançada em terra boa tem que ser por sua vez semeado, a fim de que produza colheita abundante, eis o pensamento de

Jesus. Aquele, pois, que representa a boa terra, de cujo seio brotou o bom grão, deve fazer a colheita e empregá-la, semeando nos seus irmãos os grãos colhidos, o que quer dizer: operar neles, primeiro pelo exemplo, depois pelo ensinamento, pela palavra, o desenvolvimento intelectual e moral que adquiriu.